

IZABELLA POLITI GOLONO – RA: 31371

Mais do que intolerância:

Racismo religioso

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º. SEM. 2023

IZABELLA POLITI GOLONO – RA: 31371

Mais do que intolerância:

Racismo religioso

Relatório de fundamentação do projeto de livro-reportagem, apresentado como exigência final para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação específica do professor Leonardo Feitosa e coorientação metodológica da professora mestra Ane Katerine Medina Néri.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º. SEM. 2023

Mais do que intolerância:
Racismo religioso

Professora Mestre Ane Katerine Medina Néri

Professor Especialista Leonardo Feitosa

Professora Especialista Maria Auxiliadora Mendes do
Nascimento

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, primeiramente, à minha gêmea, Amarillyz Politi Golono, minha parceira de vida e melhor amiga. Também dedico à espiritualidade que, mesmo nos momentos mais difíceis, me apoiou e me ajudou a levantar.

Mãe, esse livro também é para você, aí do outro lado talvez não seja possível ler, mas sei que esteve comigo o processo todo.

Esse livro também é para todos aqueles que se orgulham de sua religião. Juntos somos mais fortes.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todos que fizeram parte deste projeto, que é mais que um projeto, mas um renascimento à autora.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar “.

Nelson Mandela.

RESUMO

"Mais que intolerância: racismo religioso" é um livro-reportagem que reúne entrevistas com especialistas e personagens, oferecendo uma conceituação mais abrangente do racismo religioso no Brasil. O trabalho abrange denúncias desse fenômeno no período de 2018 a 2023, incluindo o impactante relato de uma mãe de santo, vítima do preconceito direcionado às religiões afro-brasileiras. Adicionalmente, o livro explora, de maneira geral, o que são e quais são as características de duas importantes religiões afro-brasileiras, a Umbanda e o Candomblé.

Palavras-Chave: racismo religioso, intolerância religiosa, religiões afro-brasileiras, religiões de matriz africana, Umbanda, Candomblé, preconceito, livro-reportagem.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1. RACISMO RELIGIOSO.....	11
1.2 RELIGIÕES DE MATRIZ	
AFRICANA.....	14
1.2.1 CANDOMBLÉ.....	15
1.2.2 UMBANDA.....	16
1.3 RACISMO RELIGIOSO NO BRASIL.....	18
1.4 RACISMO RELIGIOSO E RACISMO ESTRUTURAL.....	20
1.5 RACISMO RELIGIOSO: VISÃO SOCIOLÓGICA.....	21
1.6 RACISMO RELIGIOSO: VISÃO PSICOLÓGICA.....	22
1.7 LIVRO REPORTAGEM.....	23
CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	24
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
2.1.2 COLETA DE DADOS.....	28
2.1.3 FONTES CONSULTADAS.....	29
2.1.3.1 PERSONAGENS.....	29
2.1.3.2 ESPECIALISTAS.....	30
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	31
3.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS.....	31
3.2 DIAGRAMAÇÃO.....	33
3.3 LINGUAGEM EMPREGADA.....	34
3.4 PÚBLICO-	
ALVO.....	35
3.5 ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO.....	35
3.6 ORÇAMENTO.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
LISTA DE REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	44

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este projeto tem como tema central o racismo religioso, termo que se refere ao preconceito e suas formas de expressão contra praticantes das religiões afro-brasileiras e contra as próprias religiões em si.

A escolha desse tema se deu em função de sua relevância na sociedade brasileira, visando proporcionar uma maior profundidade, clareza e empatia. O livro aborda perspectivas antropológicas e sociológicas do conceito, assim como pautas interrelacionadas às religiões afro-brasileiras, que foram e continuam sendo os principais alvos das perseguições religiosas. Baseada nisso, a pesquisadora escolheu produzir um livro-reportagem para dar visibilidade às vítimas, exemplos e explicar o conceito, bem como mostrar seus impactos na sociedade.

O recorte escolhido para o projeto foi a delimitação de casos de racismo religioso ocorridos de 2018 a 2023, baseando-se no cenário político e social de 2018, ano que registrou aproximadamente 211 denúncias de intolerância religiosa apenas no primeiro semestre. A partir desse ano, as ocorrências de intolerância religiosa apresentaram um crescimento, como em 2019, com o aumento de 56% (477 casos) no mesmo período do ano anterior. Em 2020, foram registradas 498 queixas também nos primeiros seis meses. Já, no ano de 2021 até dezembro, foram contabilizadas 966 denúncias.

O Disque 100, um serviço de utilidade pública do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania destinado a receber demandas relativas a violações de Direitos Humanos, constatou um aumento de 45% nos casos de intolerância religiosa nos anos de 2021 e 2022. Pesquisas também indicam que houve um aumento de subnotificação, ou seja, uma diminuição dessas denúncias.

Além dos números expressivos, o racismo religioso é uma manifestação do racismo estrutural, tornando ainda mais relevante sua abordagem na contemporaneidade. Com base nisso, a pesquisadora optou por desenvolver um livro-reportagem para dar visibilidade às vítimas, contextualizar os números, explicar o conceito e demonstrar seus impactos na sociedade.

O produto final apresenta o conceito de racismo religioso do ponto de vista sociológico e antropológico, relatos e denúncias de vítimas desse tipo de discriminação, bem como uma breve explicação sobre a Umbanda e o Candomblé.

O relatório científico foi dividido em três capítulos. O primeiro, de Fundamentação Teórica, reúne os fundamentos e conceitos do livro-reportagem, a conceituação do racismo religioso, casos e dados relacionados, apresentação das religiões Umbanda e Candomblé, além da relação do racismo religioso com o racismo estrutural.

O segundo capítulo apresenta o Esquema de Investigação, detalhando os procedimentos metodológicos que auxiliam o leitor a compreender como o estudo da temática foi conduzido, incluindo o levantamento e a apuração dos dados, bem como as fontes consultadas.

No último capítulo, encontram-se as características técnicas do produto final, abordando as características básicas do livro-reportagem, como a quantidade de páginas e capítulos, elementos visuais como capa, contracapa e ilustrações, e o público-alvo.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, a pesquisadora apresenta, a partir de dados, estudos e pesquisas, o que caracteriza os casos e impactos do racismo religioso em uma visão geral do Brasil. Além disso, serão analisados casos de 2018 a 2023, sendo esse o recorte escolhido pela pesquisadora, devido ao aumento de casos registrados de violência religiosa ao longo destes anos.

Este capítulo também aborda o conceito de racismo religioso, visando seu aprofundamento, conceituação e exemplificação. Além disso, a pesquisadora também apresenta, de uma maneira geral, a Umbanda e Candomblé, duas das principais religiões afro-brasileiras existentes na atualidade, a fim de coibir os estereótipos e proporcionar reconhecimento, reflexão e conscientização sobre as religiões de matriz africana.

1.1. RACISMO RELIGIOSO

Para compreender o racismo religioso, antes faz-se necessário entender o que é a intolerância religiosa, um fenômeno que reflete a falta de compreensão, respeito e aceitação das diferentes crenças e práticas religiosas existentes em uma determinada comunidade.

De acordo com Nogueira (2020), o preconceito e, especialmente no contexto das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo religioso, são manifestações de julgamentos prejudiciais que estigmatizam um grupo enquanto elevam outro, conferindo prestígio e supremacia a um "eu" específico em detrimento do "outro". Essas atitudes têm suas raízes na ignorância, no moralismo, no conservadorismo e, hoje em dia, frequentemente, no exercício do poder político (Nogueira, 2020)

Contudo, é importante entender que a intolerância religiosa não é apenas um problema superficial de comportamento individual, mas um problema estrutural que permeia os fundamentos da sociedade e da cultura.

Ao discutir a intolerância religiosa, é importante olhar além dos sintomas visíveis para as causas desse fenômeno social. É preciso analisar as estruturas e sistemas que contribuem para essas questões, como preconceitos embutidos, estereótipos culturais e desigualdade histórica.

No caso específico das religiões afro-brasileiras fala-se em atos de racismo religioso, pois se observa a existência de um repúdio que vai além unicamente do aspecto religioso e que se origina do racismo estrutural e histórico existente na sociedade brasileira. (Silva, 2020).

No Brasil, ao observar fatos históricos e atuais, como a escravização dos negros, a discriminação, marginalização e preconceito, é possível perceber que, na sociedade, a intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras vai além do significado de intolerância, assumindo a terminologia racismo religioso.

Em uma entrevista para a Universidade Federal Fluminense (2022), a pesquisadora Ana Paula Miranda afirma que “a ideia de diferenciar racismo religioso de intolerância religiosa passa pela necessidade de demarcar ações racistas que atingem os adeptos e praticantes das tradições de matriz africana”.

Para Silva (2020), os “casos de intolerância religiosa dirigidos às minorias como é o caso das religiões de matrizes africanas”, fazem parte do fenômeno racismo religioso, que permeia a sociedade brasileira desde a sua formação.

Segundo Sidnei Barreto Nogueira, babalorixá (pai de santo), doutor em linguística e semiótica e finalista do Prêmio Jabuti com o livro *Intolerância Religiosa* (Editora Jandaíra), as origens do racismo religioso estão no período colonial.

Para justificar a escravização e a transferência forçada dos africanos para o Brasil, os europeus criaram uma hierarquia no mundo. Tudo que caracterizasse os pretos seria inferior, da cor da pele à organização social, do comportamento à produção cultural. Foi uma forma deliberada de desumanizá-los, coisificá-los. Sendo reles coisas, os pretos puderam ser escravizados à vontade, sem que os brancos carregassem o peso da culpa. Como parte desse processo, também as crenças foram hierarquizadas. A religião dos pretos, assim, não passaria de magia, superstição, idolatria, bruxaria. (Nogueira, 2020).

Ao longo da história brasileira é possível observar o fenômeno de hierarquização cultural.

[...] esta composição epistemológica depreciativa das cosmogonias e práticas religiosas dos habitantes das colônias seguiu amarrada à estruturação de mecanismos ideológicos que alçaram o sujeito colonizado a uma categoria aquém do humano e suas elaborações intelectuais e culturais reduzidas a manifestações estranhas e primitivas que presumivelmente demonstrariam a sua inépcia congênita ao progresso humano. (Marinho, 2022)

Um exemplo disso é o sincretismo religioso, um processo que acontece com o contato entre crenças diferentes que gera uma movimentação de povos, geralmente causada por eventos de larga escala (Ribeiro, 2012).

Durante a escravidão, os africanos incorporaram santos católicos na própria religião e cultura, a fim de preservar a ancestralidade e fé em meio à catolização e estigmas impostos na época pelo povo colonizador.

O processo sincrético pelo qual passaram as religiões africanas foi bastante complexo: começou nos navios negreiros, com a mistura de negros de várias partes da África. Ao chegar ao Brasil, eram obrigados a adotarem as crenças dos brancos, pelo menos superficialmente. Além disso, para dificultar revoltas e rebeliões, normalmente se comprava negros de origens diferentes, o que impedia uma coesão em termos de costume e de religião (e aumentava o sincretismo). (Ribeiro, 2012)

Apesar da repressão e da imposição do catolicismo, os africanos escravizados encontraram maneiras de preservar suas tradições religiosas. Eles recorreram ao sincretismo religioso, mesclando elementos das suas religiões africanas com a iconografia e os santos católicos, a fim de disfarçar suas práticas e continuar cultuando suas divindades.

A catequização foi feita, e o negro, por sua vez, foi batizado e renomeado, de preferência, com nome de santos católicos, ex: José, João, Sebastião, Maria. Tudo que os afastassem de suas religiões de matrizes africanas, seria bem vindo. Mas a resistência vinda por parte dos africanos tornava seus cultos ainda possíveis, através de seus batuques, suas danças e suas rezas em geral, desde que os negros, o fizessem em homenagem aos santos católicos. É importante deixar claro que o aspecto “folclórico” e musical era aceito, mas a “magia” não era permitida. Sacrifícios de animais, invocações, conhecer o futuro, nada disso seria “lícito”. Mas o fato é que o negro, mesmo declarandose [sic] cristão, não deixou de acreditar em seus deuses (Moreira; Silva, 2015,p. 69).

Segundo Nogueira, o sincretismo religioso dos escravizados não era natural, mas uma estratégia de sobrevivência cultural. Eles decidiram incorporar elementos da fé católica nas religiões africanas para não serem oprimidos e ao mesmo tempo preservar sua cultura ancestral.

Assim, a Umbanda e o Candomblé têm muitas características africanas, mas não existem na África, por serem religiões criadas em território nacional.

1.2. RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

As religiões de matriz africana se originaram durante a escravização do povo africano no Brasil. Os africanos foram retirados de seu país a fim de aumentar a mão de obra nos empreendimentos no território brasileiro.

De acordo com o IBGE, o Brasil foi o país que mais "importou" homens, mulheres e crianças africanas. Cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos entre os séculos XVI e XIX, de diferentes regiões da África.

Contudo, segundo o pesquisador Arlindo Manuel Caldeira, em seu livro *Escravos e Traficantes no Império Português*, afirma que mais de 5 milhões de africanos tiveram como destino o Brasil.

[...] é o Brasil que bate, globalmente, como já se disse, todos os recordes de importação de cativos, cifrando-se em mais de cinco milhões e meio o número de africanos que, entre 1500 e 1850, para lá foram embarcados, o que corresponde a 44% de todo o tráfico atlântico.

Além disso, segundo a *The Trans-Atlantic Slave Trades Database*, uma catalogação internacional com dados sobre o tráfico de escravos, aponta que, ao longo de mais de três séculos de escravização, os navios portugueses ou brasileiros vieram ao Brasil cerca de 9,2 mil vezes.

É importante mencionar que os africanos escravizados vieram de diversas regiões da África, como Angola, Costa do Marfim, Nigéria, Benin e entre outros. Muitos africanos que dividiam as senzalas não falavam a mesma língua, não possuíam as mesmas tradições e não cultuavam os mesmos ancestrais e orixás.

Foi durante esta época que, a "mistura" das diferentes tradições originaram as religiões de matriz africana. De acordo com Eugênio (2017, p.44), as populações oprimidas tiveram que elaborar formas de sobrevivência, e entre elas, a principal foi a religião, que manteve viva as tradições de origem africana.

No entanto, ao longo do tempo, as tradições africanas se depararam com outras três matrizes formadoras da sociedade brasileira.

Do encontro cultural entre os elementos das três matrizes formadoras da sociedade brasileira - índio, africano e europeu -, surgiram as chamadas religiões afro-brasileiras, entre as quais podemos citar: candomblé, candomblé de caboclo, umbanda, quimbanda, tambor de mina, jurema, omolocô, umbandomblé, entre outros.

1.2.1. CANDOMBLÉ

O candomblé é uma religião afro-brasileira que tem como base a adoração aos orixás, divindades que representam as forças da natureza. Os rituais do candomblé são realizados ao ritmo de atabaques e cantos em idiomas ioruba ou nagô, que variam de acordo com o orixá que está sendo cultuado na ritualística.

As cerimônias do candomblé são realizadas em terreiros, espaços sagrados onde os adeptos da religião se reúnem para praticar seus rituais. Os ritos são dirigidos por um pai ou mãe de santo, que são as lideranças espirituais do terreiro.

Além dos rituais, o candomblé também é caracterizado por suas oferendas e consultas espirituais. As oferendas são feitas aos orixás para demonstrar respeito, devoção e para realizar pedidos. Já as consultas espirituais são realizadas através do jogo de búzios, um oráculo que usa conchas do mar para orientar e fazer previsões.

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravos, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar as novas condições de [sic] ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força da natureza, sendo seus criadores e também administradores. Religião possuidora de muitos simbolismos e representações que ajudam a compreender o passado e também a discernir melhor as verdades e as mentiras, permitindo assim definir conceitos. No candomblé nada se inventa ou se cria, só aprende e se aprimora. Este saber e este conhecimento são conquistados com a prática no dia a dia, com o tempo, com a humildade, o merecimento, a inteligência e, principalmente, com a vontade de aprender! (Maurício, 2014, p. 29).

1.2.2. UMBANDA

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que surgiu no Rio de Janeiro, em 1908, a partir da mistura de elementos das religiões africanas, indígenas, católicas e espíritas.

A umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço” (PRANDI, 2014)

A Umbanda é baseada na crença em um único Deus, chamado Olorum, que é manifestado em diferentes divindades, chamadas orixás. Os orixás são responsáveis por diferentes aspectos da natureza, como Iansã com os ventos e raios, Nanã com o mangue, Oxóssi com as matas e entre outros.

A Umbanda também acredita na existência de espíritos de pessoas que já morreram, que podem ser chamados para ajudar os vivos. Esses espíritos são chamados de guias ou entidades, como exus, pombagiras, pretos-velhos, caboclos e etc.

A Umbanda é uma religião com práticas democráticas de acolhimento, e defende a igualdade entre pessoas e espíritos. Tem como fundamento a humildade, que é necessária à prática da caridade. É uma religião ritualista por apresentar diferentes ritos e rituais, que são semelhantes nos diferentes Terreiros de Umbanda, as diferenças encontradas estão relacionadas com o local de origem de seus Guias Espirituais. (Careli, 2021, p. 1).

Os rituais da Umbanda são realizados em terreiros, espaços sagrados onde os adeptos se reúnem para praticar suas crenças. Os rituais, ou trabalhos são marcados por danças, cantos, oferendas e consultas espirituais.

Com efeito, pode se opor umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil e o outro a África. A umbanda corresponde a integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro.

É claro que não devemos conceber o candomblé em termos de pureza africana; na verdade ele é um produto afro-brasileiro resultado da bricolagem desta memória coletiva, sobre matéria nacional brasileira que a história ofereceu aos negros escravos. Entretanto pode se afirmar que para o candomblé a África continua sendo fonte privilegiada do sagrado, o culto dos deuses negros se opondo a uma sociedade brasileira branca ou embranquecida. Desta forma uma ruptura se inscreve entre a umbanda e o candomblé: para a primeira, a África deixa de constituir em fonte de inspiração sagrada; o que é afro-brasileiro se torna brasileiro. É necessário entender o que queremos dizer com a ruptura; não se trata de ressignificar com esta palavra a ausência do que é negro no seio da umbanda, pelo contrário, insistiremos em todo o nosso trabalho na importância da contribuição africana para a formação da religião umbandista (Ortiz, 1999, p. 16).

1.3. RACISMO RELIGIOSO NO BRASIL

A recente ocorrência de ataques às religiões afro-brasileiras em um exemplar do livro infantil "Amoras", do renomado rapper Emicida, traz à tona a persistência de preconceitos e intolerância religiosa em nossa sociedade. Na cidade de Salvador, a mãe de uma criança de uma escola escreveu comentários difamatórios nas páginas que tratam dos orixás, acusando o autor de disseminar "blasfêmia" e promover uma "ideologia" relacionada a "religiões anticristãs".

A obra é indicada para crianças de cinco anos e conta a história de uma menina negra que está aprendendo a se reconhecer no mundo. Em conversas com seu pai, ela tem acesso a conhecimentos ligados às culturas e religiões diferentes, além de ser apresentada a grandes ícones das lutas dos povos negros, como Zumbi, Martin Luther King e Malcolm X. Na matéria sobre este caso, a advogada consultada Dandara Amazi, advogada criminalista e conselheira da OAB na Bahia, classificou o caso de Pinho como racismo religioso.

Outro incidente recente no programa de televisão Big Brother Brasil, da TV Globo, gerou polêmica e revelou a persistência do preconceito racial e da intolerância religiosa em nossa sociedade.

Durante o programa, três participantes brancos ficaram incomodados ao presenciarem o colega negro Fred Nicácio realizando, em silêncio, as orações do culto de Ifá, uma religião de matriz africana. Um dos participantes chegou a ameaçar abandonar o reality show caso Nicácio continuasse com as suas práticas religiosas. Esse episódio expõe a necessidade urgente de propagar a informação a fim de promover o entendimento e o respeito pela diversidade cultural do nosso país.

É alarmante constatar que, mesmo em um ambiente televisivo que alcança milhões de telespectadores, existam indivíduos que se sentem ameaçados e desconfortáveis com a expressão religiosa de outras pessoas, especialmente quando essa expressão está relacionada às religiões de matriz africana.

A Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras, através de uma pesquisa em 2022, ouviu representantes de 255 terreiros do país e constatou que 91,7% de pais e mães de santo já ouviram algum tipo de preconceito, 78,4% já foram alvos de violência por sua escolha religiosa e quase a metade relatou até cinco ataques nos dois anos anteriores à pesquisa.

Além disso, os dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), coletados pelo Disque 100, mostram que o Brasil registrou um aumento de 272% nos casos de intolerância religiosa em 2021, em comparação com o ano anterior.

Em 2020, foram registrados 353 casos, sendo 103 não-definidos, 86 de matriz africana, 63 de matriz evangélica, 55 de demais religiões, 34 católicos e 12 sem religião.

Em 2021, o total de casos chegou a 966, com 244 de matriz africana, 234 não-definidos, 186 de matriz evangélica, 160 de demais religiões, 125 católicos e 17 sem religião.

1.4. RACISMO RELIGIOSO E RACISMO ESTRUTURAL

Ainda de acordo com Nogueira, a Lei Aurea de 1888 acabou com a separação entre os “senhores” de escravizados no Brasil, mas não foi suficiente para abolir as hierarquias raciais.

O racismo estrutural persistiu ao longo do tempo, adaptando-se à mudança social e mantendo uma base inerente de discriminação. Depois que a escravidão acabou e os grilhões físicos foram removidos, os negros ainda enfrentavam a exploração e eram tratados de forma subumana em muitos aspectos da sociedade. Essa tenacidade racial é responsável pelo que hoje conhecemos como “privilegio branco”.

[...] o sucessivo combate a herança africana presente em nossa cultura vista como primitiva e atrasada; o gradativo isolamento dos núcleos negros, considerados pela polícia local de malandros, criminosos, bêbados, desocupados, etc (Nascimento, 2010, p. 934).

Nesse contexto, as religiões de origem africana têm sido alvo de discriminação e desvalorização.

A desinformação e os estereótipos negativos dão origem ao equívoco de que essas religiões são inferiores, supersticiosas ou mesmo satânicas. Esses preconceitos são cultivados consciente e inconscientemente, refletindo a persistência de atitudes discriminatórias enraizadas nas estruturas sociais.

Pesquisadores que estudam o racismo religioso o descrevem como um dos tentáculos do racismo estrutural, um complexo dispositivo político, econômico e social que torna o negro no Brasil uma minoria em termos de poder, apesar de sua maioria numérica (56% da população do país).

Ana Paula Miranda, professora e antropóloga da Universidade Federal Fluminense (UFF) que há 15 anos estuda ataques a religiões de matriz africana, compara o racismo religioso como uma ponta de um iceberg.

No ataque às religiões de matriz africana, mesmo que o agressor não explicita o seu racismo, ele está lá. À primeira vista, a motivação é religiosa, mas o que está por trás é a discriminação racial. Quem pratica o racismo religioso, portanto, de alguma forma age para que o outro não exista. Nas discussões internacionais, entende-se esse tipo de ação como crime de ódio, uma classificação que surgiu motivada pelo Holocausto judaico.

1.5. RACISMO RELIGIOSO: VISÃO SOCIOLÓGICA

A perspectiva sociológica do racismo religioso é fundamental para compreender esse fenômeno complexo que encontra raízes profundas na história do Brasil e se manifesta de várias maneiras na sociedade contemporânea. Uma teoria sociológica relevante para a análise do racismo religioso é a teoria da dominação simbólica, proposta por Pierre Bourdieu. Essa teoria argumenta que o racismo religioso é perpetuado por meio de símbolos e discursos que reforçam a superioridade de uma religião em relação a outras.

De acordo com Tiago Rosa (2017), que analisou as obras de Bourdieu, a dominação simbólica é um processo pelo qual as relações de poder são naturalizadas e internalizadas pelos indivíduos, tornando-se parte do senso comum e, portanto, invisíveis. Isso significa que o racismo religioso pode ser perpetuado de maneira sutil e muitas vezes não percebida, tornando-o difícil de combater. A dominação simbólica opera por meio de símbolos e discursos que reforçam a superioridade de um grupo em relação a outros, criando a ilusão de que essa dominação é natural e inevitável.

Essa teoria é valiosa para a compreensão do racismo religioso na sociedade contemporânea, pois destaca como as atitudes discriminatórias podem ser internalizadas e perpetuadas sem que as pessoas estejam plenamente conscientes disso. Isso torna evidente a importância de identificar e desafiar os símbolos e discursos que alimentam o racismo religioso.

Para aprofundar a compreensão desse fenômeno no contexto brasileiro, é importante recorrer a fontes acadêmicas relevantes. Um exemplo notável é o artigo "Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social," publicado na revista *Sociedade e Estado*, volume 37, número 2, em maio-agosto de 2022. Este artigo oferece uma análise crítica das raízes históricas do racismo religioso no Brasil e como ele se manifesta na sociedade contemporânea. Além disso, ele explora como a intolerância religiosa está relacionada ao racismo epistêmico e às marcas da opressão cultural e intelectual.

Outro recurso útil é o artigo "Racismo religioso, discriminação e preconceito religioso, liberdade religiosa: controvérsias sobre as relações entre estado e religião no Brasil atual." Esse artigo discute as tensões entre a liberdade religiosa e a discriminação religiosa no contexto brasileiro, lançando luz sobre os desafios enfrentados por diversas comunidades religiosas no país.

1.6. RACISMO RELIGIOSO: VISÃO PSICOLÓGICA

O racismo religioso é um desafio sério no contexto brasileiro e tem sido objeto de investigação em diversas disciplinas, notadamente na psicologia. Em conformidade com um artigo publicado na renomada revista "Psicologia: Ciência e Profissão," o trabalho clínico dos psicólogos pode ser sensivelmente influenciado por fatores raciais e pela presença do racismo. Este mesmo artigo explora a contribuição da psicologia para a mitigação do sofrimento derivado do racismo, apoiando-se na psicanálise e na noção de alianças inconscientes desenvolvida por René Kaës.

Outra pesquisa, publicada na revista "Psicologias Antirracistas: Desafios Epistemológicos e Metodológicos," aborda as disparidades raciais que permeiam a sociedade brasileira. Uma revisão sistemática de estudos realizados na psicologia brasileira sobre o racismo religioso ratifica a importância das contribuições da disciplina à compreensão do panorama racial no país.

A psicologia social, por sua vez, tem se revelado uma área crítica na análise do racismo religioso. Um artigo publicado na revista "Psicologia & Sociedade" discute como a religião pode ser explorada como uma ferramenta de discriminação, com impactos notáveis na saúde mental dos indivíduos. Em contrapartida, outra pesquisa na mesma revista aborda como a religião pode ser utilizada como um mecanismo de resistência ao racismo, auxiliando as pessoas na gestão do sofrimento decorrente da discriminação.

Entretanto, ainda há muito a ser feito para combater o racismo religioso no Brasil. Um artigo publicado na revista "Estudos de Psicologia (Campinas)" investiga a potencial utilização da educação como uma arma contra o preconceito e a discriminação.

Em síntese, o racismo religioso é um desafio sério no contexto brasileiro que tem sido alvo de escrutínio em diversas disciplinas, notadamente na psicologia. A contribuição da ciência psicológica tem se mostrado relevante para a compreensão das questões raciais no Brasil, ao mesmo tempo em que a religião pode ser uma força tanto de discriminação quanto de resistência ao racismo. Educação e políticas públicas emergem como instrumentos fundamentais na luta contra o preconceito e a discriminação.

1.7. LIVRO REPORTAGEM

Um livro-reportagem sobre racismo religioso tem o poder de sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre essa questão social importante. Ao promover a empatia, estimular a reflexão crítica e impulsionar a busca por mudanças sociais e políticas, essa obra pode desempenhar um papel significativo na luta contra o racismo religioso e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante desses aspectos, é fundamental aprofundar o entendimento e promover o debate sobre o racismo religioso por meio de um livro-reportagem, oferecendo uma plataforma para discussões, reflexões e ações concretas para combater essa forma de discriminação.

O livro-reportagem é um gênero jornalístico que combina técnicas de reportagem com elementos literários. Esse gênero tem ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial. Ele permite que o autor explore um tema em profundidade, utilizando técnicas literárias para contar uma história real, combinando a precisão factual da reportagem com a criatividade e a liberdade da literatura. Ele pode ser utilizado para contar histórias sobre qualquer assunto, desde política e economia à cultura e entretenimento.

Um exemplo é “Vozes de Tchernóbil”. Escrito por Svetlana Aleksievitch, o livro relata a tragédia na usina nuclear de Tchernóbil, na Ucrânia, em 26 de abril de 1986. Por meio de depoimentos dos sobreviventes, o livro constrói um relato arrebatador, a um só tempo, relato e testemunho de uma tragédia quase indizível.

O livro-reportagem é um gênero jornalístico que tem ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial. Ele permite que o autor explore um tema em profundidade, utilizando técnicas literárias para contar uma história real. Segundo Beatriz Ostwald Luz Vilardo e Felipe Gomberg (2020) em seu artigo “livro-reportagem no contexto do jornalismo e o correspondente internacional como jornalista-autor”, o livro-reportagem é um híbrido entre o editorial e o jornalístico, que permite ao autor combinar a precisão factual da reportagem com a criatividade e a liberdade da literatura.

Contudo, o livro-reportagem é um gênero que exige pesquisa e apuração por parte do autor. Ele deve ser baseado em fatos reais, mas também deve ser escrito de forma atraente e envolvente para o leitor. De acordo com Eliane Brum (2006), autora de “A vida que ninguém vê”, o livro-reportagem combina a precisão factual da reportagem com a criatividade e a liberdade da literatura, permitindo ao autor criar uma narrativa envolvente e emocionante.

CAPÍTULO 2: ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO

Neste segundo capítulo, a pesquisadora apresenta as etapas para a produção do livro-reportagem, desde a escolha do tema até a finalização do produto.

Além disso, também são apresentados os métodos de apuração e busca para obter a fundamentação teórica, as demais informações e as fontes consultadas.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, no fim do ano de 2022, o tema do livro reportagem seria sobre a trajetória de um Pai de Santo (dirigente de um terreiro de Umbanda), bem como as etapas, aprendizados e fundamentações que a personagem teria vivido.

Nos quatro primeiros meses do ano de 2023, as pesquisas sobre a primeira ideia foram iniciadas. Neste período, em conjunto ao co-orientador específico Professor Leonardo Feitosa, a pesquisadora levantou referências bibliográficas sobre a produção do livro reportagem, informações sobre as religiões Umbanda e Candomblé, levantamento de históricos e entrevistas com a personagem principal.

Já no mês de maio, a pesquisadora enfrentou problemas pessoais que a fizeram dar uma pausa nos planos iniciais. No final do mesmo mês, a pesquisadora alterou o tema da pesquisa e do livro reportagem, depois de ver um vídeo na rede social TikTok sobre racismo religioso.

Em junho, a pesquisadora realiza o início da nova proposta e do novo fichamento em paralelo ao enfrentamento dos novos desafios e superações em sua vida pessoal.

Ao pesquisar sobre racismo religioso, a pesquisadora encontrou notícias recentes sobre o tema. Ao se aprofundar, ela também encontrou materiais importantes como o livro "Intolerância Religiosa" escrito por Sidnei Nogueira.

A partir deste mês a jornalista utilizou o mês de julho e agosto para as referências bibliográficas e amadurecimento do novo tema, alinhando as ideias com fundamentações teóricas.

Após a revisão e a decisão de adotar o novo tema de pesquisa relacionado ao racismo religioso, deu-se início a uma exploração de fontes informativas em portais de notícias, visando buscar referências e contextos relacionados ao racismo religioso.

No entanto, as informações apuradas nessas fontes se mostraram rasas em termos de profundidade e amplitude, dada à complexidade de um Trabalho de Conclusão de Curso. Consequentemente, surgiu a necessidade de aprofundar o conhecimento a respeito do racismo religioso, o que conduziu a uma pesquisa mais aprofundada em fontes acadêmicas, como artigos especializados. Nesse sentido, foi realizada uma seleção de estudos disponíveis no Google Acadêmico, tendo como critérios orientadores o título, resumo, palavras-chave e sumário dos artigos.

É importante destacar que durante o processo de revisão bibliográfica, a pesquisadora se deparou com a escassez de publicações dedicadas ao conceito de racismo religioso e sua relação com a intolerância religiosa, bem como a falta de informações concisas e completas sobre o assunto.

Não obstante os desafios e obstáculos enfrentados ao longo desse processo, um marco importante na pesquisa ocorreu com a re-avaliação de uma matéria veiculada no Senado relacionado ao Dia da Intolerância Religiosa e ao racismo religioso, que contava com a contribuição de especialistas no campo. Na matéria, a jornalista encontrou sua possível convidada e artigos da mesma. Essa descoberta permitiu a integração de informações relevantes e consolidação das informações já apuradas.

Durante a jornada de investigação, a jornalista recorreu a diversas fontes, como livros, legislação, reportagens, podcasts e recursos audiovisuais, a fim de enriquecer seu arcabouço de informações.

Com os fichamentos concluídos, a pesquisadora deu início à elaboração da estrutura de seu relatório científico. Cabe ressaltar que o norteamento dos capítulos e perspectivas abordadas no produto final foram fundamentadas nas hipóteses da autora, devido as lacunas na literatura e a escassez de divulgações sobre o tema em questão.

Baseando-se em tais hipóteses e conceito, a pesquisadora direcionou seu esforço para a identificação de potenciais personagens e entrevistados que desempenharam um papel fundamental na composição do livro.

As primeiras entrevistadas selecionadas foram Solange D'Ogum, Elizabete e Luciana. O contato com elas se deu após a orientadora da pesquisadora Ane Medina compartilhar uma notícia relacionada ao racismo religioso em um grupo de mensagens do WhatsApp. A notícia narrava um caso no qual Solange, Elizabete e Luciana, praticantes da religião Candomblé, foram vítimas de racismo religioso, sofrendo ataques enquanto realizavam um ritual em busca de auxílio para um tratamento de saúde. É importante ressaltar que essas três personagens desempenham papéis centrais na narrativa do livro e, devido à distância, as

entrevistas ocorreram de maneira remota, por meio de ligações via WhatsApp, uma vez que residem no Rio de Janeiro.

Após essa etapa, a jornalista deu início à busca por especialistas na área, que possuíam ênfase em questões relacionadas às religiões afro-brasileiras. A pesquisadora identificou possíveis especialistas por meio da análise de artigos, notícias e pesquisas relacionadas a essa temática. Posteriormente, a mesma recorreu ao site Escavador, que compila informações sobre especialistas e pesquisadores, incluindo seus nomes completos e contribuições acadêmicas.

Após análise das pesquisas desses profissionais, a pesquisadora selecionou a antropóloga Ana Paula Miranda e o sociólogo Guilherme Dantas como os especialistas a serem entrevistados.

Para entrar em contato com esses acadêmicos, a pesquisadora conduziu uma investigação mais aprofundada sobre eles, identificando seus respectivos endereços de e-mail. Em seguida, enviou uma mensagem de apresentação e proposta a ambos, obtendo uma resposta por parte de Guilherme Dantas, que manifestou interesse e agendou uma entrevista. Devido à sua localização em Boston, EUA, a entrevista foi conduzida de forma virtual, através de uma reunião no Google Meet, devidamente gravada com o consentimento do pesquisador.

No que concerne à antropóloga, esta respondeu que estava ocupada, mas mencionou o interesse de seu orientador no projeto. Após uma apresentação sobre o tema e a proposta do trabalho, foi estabelecido uma data para a entrevista. A entrevista com a antropóloga também foi realizada de maneira virtual, por meio do Google Meet, com gravação autorizada.

Com as entrevistas concluídas, a pesquisadora prosseguiu para a elaboração da estrutura do seu livro, o qual, visando à clareza e fluidez na exposição do conteúdo, foi dividido em seis partes distintas:

1. Introdução
2. As Religiões Afro-Brasileiras
3. Um Enfoque no Caso de Racismo Religioso Experimentado por Solange
4. Racismo Religioso na Perspectiva Antropológica e Sociológica
5. Conclusão e Possíveis Medidas

A partir dos relatos e informações obtidos nas entrevistas realizadas, a pesquisadora iniciou a produção do seu livro, utilizando os elementos apurados para

a construção de uma narrativa informativa e esclarecedora sobre o tema em foco, o racismo religioso.

Além disso, é relevante destacar que a pesquisadora, devido à distância geográfica que a separava de seus convidados e especialistas, adotou uma abordagem até então pouco explorada para seu livro. Dada a impossibilidade de realizar sessões presenciais de fotografia ou filmagem com os entrevistados, a pesquisadora recorreu à utilização de imagens geradas por inteligência artificial para a ilustração de seu livro.

Essas imagens produzidas por IA serviram como um recurso valioso para criar representações visuais e os contextos relacionados ao racismo religioso e às religiões afro-brasileiras. Isso permitiu aos leitores uma compreensão mais completa e envolvente das narrativas e tópicos abordados no livro, mesmo diante da distância física entre a pesquisadora e os entrevistados.

2.1.2 COLETA DE DADOS:

Este estudo tem uma abordagem mista, combinando elementos de pesquisa qualitativa e quantitativa, a fim de obter uma compreensão aprofundada do fenômeno do racismo religioso. O uso de ambos os métodos propiciaram uma análise abrangente das experiências dos participantes, bem como uma avaliação de atitudes e opiniões relacionadas ao tema.

A população-alvo deste estudo consiste em membros de várias religiões que experimentaram ou testemunharam casos de racismo religioso, como pessoas acadêmicas e interessados no tema central.

O procedimento de coleta de dados conteve duas etapas. Primeira etapa, consistiu em apurar dados de ocorrências apresentadas, além de entrevistas individuais a fim de ilustrar experiências pessoais e pontos de vista sobre o racismo religioso.

Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas para análise. A análise dos dados foi realizada de forma integrada, relacionando os dados quantitativos e qualitativos.

A pesquisa dos dados das entrevistas foi realizada por meio da análise de conteúdo, que nortearam e inspiraram os respectivos capítulos. Assumindo uma abordagem mista, este estudo visa somar ao conhecimento existente sobre o tema e contribuir com mais informações acadêmicas, bem como conscientizar e dar voz às vítimas do racismo religioso..

A pesquisa seguiu:

- Contexto histórico: A história, as motivações e as consequências dos acontecimentos em estudo foram apresentados através de dados e apurações em outros livros, reportagens e outros meios midiáticos, proporcionando assim um aprofundamento dos eventos históricos que moldaram o Brasil. Além dos dados um especialista será consultado para dar fundamentações e nortear a escrita dos capítulos.
- Análise de entrevistas: Profissionais da área, como antropólogo, psicólogo, sociólogo e autoridades das religiões serão entrevistados para proporcionar um debate inclusivo, abrangente e plural sobre o racismo religioso. Além disso, os profissionais serão consultados para um debate e geração de possíveis soluções para coibir o preconceito religioso.

- Análises da atualidade: Dados, teorias e estudos sobre a sociedade brasileira serão apresentados seguindo as entrevistas cedidas por especialistas das áreas consultadas.

2.1.3 FONTES CONSULTADAS:

2.1.3.1 Personagens:

Solange de Arruda Machado ou Solange D'Ogum - lalorixá de Candomblé há 23 anos. Foi vítima de racismo religioso em 13 de agosto de 2023.

Data da entrevista: 10/10/2023

Formato: Ligação pelo aplicativo WhatsApp

Contribuição: Concedeu entrevista lembrando do episódio de racismo religioso vivenciado no mês de agosto. Na ligação, a entrevistada relatou o ataque em questão, sentimentos, as consequências e outros episódios em que sofreu racismo religioso. Ela também é a personagem principal do capítulo que retrata o episódio vivenciado pela mesma.

Luciana Nogueira Costa - lalorixá de Candomblé há 7 anos. Foi vítima de racismo religioso em 13 de agosto de 2023.

Data da entrevista: 15/10/2023

Formato: Ligação pelo aplicativo WhatsApp

Contribuição: Concedeu entrevista recordando do episódio de racismo religioso que sofreu em agosto. A personagem estava junto a Solange D'Ogum no ocorrido e relatou sua perspectiva do ocorrido.

Elizabete Ribeiro de Moura - Ekedí, cargo dentro dos terreiros responsável por cuidar dos Orixás, Falangeiros e/ou entidades do Pai ou Mãe de Santo, há 15 anos. Atualmente é Ekedí da lalorixá Solange D'Ogum.

Data da entrevista: 15/10/2023

Formato: Ligação pelo aplicativo WhatsApp

Contribuição: Concedeu entrevista recordando do episódio de racismo religioso que sofreu em agosto. A personagem estava junto a Solange D'Ogum no ocorrido e relatou sua perspectiva do ocorrido.

2.1.3.2 Especialistas

Guilherme Dantas Nogueira - Doutor em Sociologia e Mestre em Ciências Sociais - Estudos Comparados sobre as Américas, pela Universidade de Brasília (UnB). Possui graduação em Administração com ênfase em Negócios Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006) e especialização em Gestão Estratégica de Processos de Negócio pela mesma universidade (2009). Tem experiência com pesquisas e práticas na área de sociologia política e gestão pública, causas sociais e negócios, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões afro-brasileiras, políticas públicas, saúde pública, terceiro setor e movimentos sociais, gestão da informação e cooperação internacional.

Data da entrevista: 23/10/2023.

Formato: Ligação pelo aplicativo Google Meet.

Contribuição: Norteou o capítulo respectivo com sua área de atuação. a partir de sua entrevista, a jornalista elaborou e produziu o capítulo quatro do produto final.

Leonardo Vieira Silva - Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense(2020), Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2020) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro(2014). Integra como pesquisador o Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos-INCT/Ineac-UFF. Membro aspirante da Associação Brasileira de Antropologia. Integra como pesquisador o Diretório de Pesquisa Antropologia Política e Conflitos: pesquisas empíricas sobre burocracias, religiões e mobilizações sociais. Membro do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana - FONSANPOTMA. Tem interesses de pesquisas na Antropologia das Populações Afro-brasileiras; Mobilizações sociais; Saúde e Segurança Alimentar; Relações Étnico-Raciais; Intolerância Religiosa; Racismo Religioso; Ciência, Tecnologia sociais e Inovação.

Data da entrevista: 23/10/2023.

Formato: Ligação pelo aplicativo Google Meet.

Contribuição: Norteou o capítulo respectivo com sua área de atuação. a partir de sua entrevista, a jornalista elaborou e produziu o capítulo quatro do produto final.

Marco Antônio Forner – Pai de Santo há 14 anos;

Data da Entrevista: 08 de novembro de 2023.

Formato: Mensagens pelo WhatsApp

Contribuição: Ajudou no norteamento do capítulo sobre as religiões afro-brasileiras.

CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro reportagem visa conscientizar, informar e explicar o que é o racismo religioso. Além disso, ele apresenta um breve resumo de duas religiões afro-brasileiras, a Umbanda e Candomblé. Para realização do livro foram entrevistados líderes religiosos e vítimas que passaram por racismo religioso.

3.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

A pesquisadora optou por produzir um livro reportagem seguindo as dimensões padrões de tamanho A5, de 210 x 148 mm.

O produto conta com imagens geradas artificialmente, por meio da inteligência artificial Bing, a fim de compor a estética do livro e gerar uma aproximação e reconhecimento sobre o tema.

Os capítulos foram divididos em:

I - RACISMO RELIGIOSO

Nesta seção inicial, a pesquisa oferece uma introdução ao livro, delineando seus objetivos. O primeiro capítulo reúne as principais manchetes de notícias relacionadas à intolerância e ao racismo religioso. Além disso, a pesquisadora apresenta de maneira abrangente o conceito de racismo religioso, destacando suas diferenças em relação à intolerância religiosa.

II - RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

No segundo capítulo, a pesquisadora apresenta de maneira abrangente as principais informações sobre duas das mais significativas religiões afro-brasileiras: a Umbanda e o Candomblé.

Adicionalmente, o capítulo abordará alguns mitos e preconceitos associados às religiões de matriz africana, buscando desmistificar essas crenças e promover uma compreensão mais ampla e respeitosa.

III – AS VÍTIMAS

Na terceira seção do livro, é apresentada a história de Solange D'Ogum, que, junto com suas duas filhas de santo, Luciana e Bete, passou por uma dolorosa experiência de violência religiosa.

Este capítulo foi cuidadosamente elaborado a partir dos relatos das três vítimas, buscando dar voz às suas experiências e promover conscientização sobre o tema.

IV – RACISMO RELIGIOSO: VISÃO ANTROPOLÓGICA E SOCIOLÓGICA

Neste capítulo, a pesquisadora explora de maneira mais aprofundada o conceito de racismo religioso, fundamentando-se em entrevistas realizadas com os especialistas Guilherme Dantas Nogueira e Leonardo Vieira.

Além disso, o capítulo aborda de forma abrangente as perseguições e resistências históricas relacionadas ao racismo religioso, oferecendo uma análise ampla e embasada sobre essa temática complexa.

V - CONCLUSÃO

Na quinta e última parte, a pesquisadora sintetiza as conclusões fundamentais abordadas ao longo do livro acerca do racismo religioso. Além de recapitular os pontos essenciais, ela se propõe a apresentar medidas concretas e viáveis para combater o racismo religioso. Esta seção não apenas encerra a obra, mas também destaca a importância de uma abordagem proativa na busca por soluções eficazes e na promoção da tolerância e respeito às diversas manifestações religiosas.

3.2 DIAGRAMAÇÃO

A diagramação do produto final foi realizada utilizando as plataformas Google Documentos e Canva, escolhidas devido à familiaridade da jornalista com os recursos mencionados. Além disso, o livro incorpora imagens geradas artificialmente para aprimorar sua estética e impacto visual.

A capa do livro-reportagem foi criada com o uso da inteligência artificial Bing, uma escolha motivada pela abstração inerente ao conceito de racismo religioso. A capa destaca elementos visuais distintivos das religiões afro-brasileiras, como atabaques e fios de contas.

A diagramação do livro foi projetada com o intuito de facilitar a dinâmica e o fluxo de leitura, incorporando elementos que enfatizam falas e informações cruciais. Além disso, uma diagramação especial nas capas dos capítulos foi elaborada, relacionando-se diretamente com os temas abordados em cada um.

A paleta de cores adotada baseia-se em tons terrosos, como laranja, marrom, bege, entre outros. Essa escolha foi fundamentada na representação da natureza e dos Orixás, na Umbanda e no Candomblé.

No formato de 218 x 148 mm, o livro conta com um total de 55 páginas, distribuídas ao longo de cinco capítulos. Destes, o primeiro fornece informações e dados sobre casos e consequências do racismo religioso, três são compostos por especialistas, e outro destaca três vítimas do racismo religioso. Essa abordagem multifacetada visa oferecer uma compreensão abrangente e enriquecedora do tema.

3.3 LINGUAGEM EMPREGADA

A abordagem linguística adotada no livro visa primordialmente à informalidade e simplicidade, visando facilitar a compreensão da nova terminologia. Direcionada a um público adulto afro-religioso e interessados, a linguagem busca estabelecer uma conexão mais próxima com o leitor.

Termos que poderiam suscitar dúvidas ou dificuldades de entendimento foram explicados por meio de notas, enriquecendo a compreensão do leitor. Além disso, o livro incorpora dados e informações sobre o tema, apresentados de forma clara e objetiva para garantir uma assimilação total e rápida por parte do público.

Durante o processo de produção, a pesquisadora optou por se expressar tanto na primeira quanto na terceira pessoa. Já com os relatos das vítimas, utilizando características do jornalismo literário, a primeira pessoa foi empregada para proporcionar uma maior liberdade narrativa.

Em alguns momentos, a pesquisadora manteve o uso de expressões fortes, como "morreram macumbeiras", com o propósito de retratar com fidelidade a realidade vivenciada pelas vítimas do racismo religioso.

Nos momentos dedicados à contextualização da prática, com a apresentação de dados e informações pertinentes, a terceira pessoa foi adotada, buscando manter um distanciamento objetivo. Contudo, o livro-reportagem mantém um tom informativo e reflexivo.

Dado o caráter sensível e ainda pouco explorado do tema, a pesquisadora realizou um levantamento de dados e entrevistas com profissionais ligados ao assunto.

A reflexão que o livro traz visa instigar o leitor a ponderar sobre a violência do racismo religioso, compreendendo a distinção entre intolerância religiosa e aprofundando-se nas complexidades das religiões de matriz africana. O propósito é não apenas informar, mas também proporcionar uma reflexão crítica sobre a temática abordada.

3.4 PÚBLICO-ALVO

Dada a natureza da temática, centrada nas experiências vivenciadas por afro-religiosos, o público-alvo primário é composto pelos praticantes de religiões afro-brasileiras. Contudo, a abrangência se estende à sociedade como um todo, refletindo a intenção de democratizar o acesso à informação.

A pesquisadora produziu o produto final com a missão de trazer à tona a relevância dessa pauta, buscando informar as pessoas de que o racismo religioso não é apenas uma questão isolada, mas sim uma problemática enraizada que abrange complexidades sociais, étnico-raciais e políticas. A intenção vai além de direcionar a mensagem apenas aos afro-religiosos, visando conscientizar a sociedade em geral sobre a urgência de enfrentar essa forma de discriminação.

A abertura do público-alvo reflete a perspectiva de construir uma sociedade mais inclusiva e consciente das múltiplas camadas que permeiam o racismo religioso. Ao tornar a informação acessível a diversos segmentos, a pesquisadora almeja contribuir para uma discussão mais ampla e engajada sobre o tema, fomentando a compreensão e a busca por soluções na sociedade.

3.5 ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO

A estratégia inicial de divulgação do livro sobre racismo religioso se concentra nas redes sociais da pesquisadora. A utilização de plataformas como Facebook, Instagram e Twitter será importante para compartilhar trechos marcantes e mais informações sobre o livro-reportagem promovendo engajamento e disseminação orgânica.

Além disso, a pesquisadora buscará publicar o livro em plataformas como a Amazon, ampliando seu alcance. A presença em feiras literárias também é pensada, oferecendo oportunidades de interação direta com o público e promoção do livro em ambientes diversificados.

A participação em eventos temáticos também poderá ser uma estratégia valiosa para a veiculação do livro-reportagem. Colaborações com grupos de estudo, universidades e professores interessados contribuirão para a integração do livro nos meios acadêmicos.

A criação de material adicional, como revistas, mídias audiovisuais e artigos, será uma estratégia eficaz para enriquecer a presença digital e atrair diferentes tipos de audiência.

Além disso, outra possível estratégia seria colaborar com organizações que atuam na promoção da igualdade religiosa e combate ao racismo. Essa parceria pode proporcionar apoio adicional e promover a obra em contextos relevantes, consolidando a presença do livro nas discussões sobre a temática.

3.6 ORÇAMENTO

Para concluir o projeto a pesquisadora arcou com os valores para a impressão, tanto do relatório científico, quanto do produto final. O orçamento na papelaria Helit Graf, ao lado da faculdade, faz 0,75 centavos por página, ao total a impressão do relatório ficou em R\$ 34.50.

Já a impressão do livro, por ser colorido o possuir imagens “pesadas”, ficou em R\$ 1,50 por página e ao total custou R\$ 69 a impressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo religioso, uma realidade que remonta aos primórdios do Brasil e persiste nos dias de hoje, é importante para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas do país. Diante dos expressivos números de denúncias e vítimas desse fenômeno, a pesquisadora identificou a oportunidade de abordá-lo, dando voz às vítimas e lançando luz sobre um preconceito enraizado desde os tempos da colonização.

Ao analisar as perseguições religiosas que perduram na sociedade brasileira, o livro-reportagem "Mais que Intolerância: Racismo Religioso" propõe um olhar crítico sobre esse capítulo sombrio da história nacional. Buscando não apenas narrar, mas também conceituar o termo racismo religioso, a obra se propõe a oferecer um panorama histórico geral a fim de esclarecer o início do fenômeno.

Ao dar voz às vítimas entrevistadas, o livro não apenas humaniza a estatística, mas também destaca a complexidade e a profundidade do preconceito. Para enriquecer a pesquisa, a jornalista recorreu a especialistas, como antropólogo, sociólogo e líderes religiosos.

Desde o início, a aluna pesquisadora tinha a hipótese de que o racismo religioso é um fenômeno histórico e socialmente complexo. É necessário reconhecer a presença marcante desse fenômeno no Brasil, que afeta vidas e comunidades afro-religiosas, para contribuir com uma sociedade mais inclusiva e pautada no respeito. Além disso, as perseguições religiosas estão intimamente ligadas ao racismo, constituindo-se como uma forma de expressão do racismo.

Contudo, em meio à violência, as ações afirmativas, a conscientização e a disseminação de informações são ferramentas poderosas para possibilitar uma nova realidade. Este livro não apenas documenta as adversidades enfrentadas, mas também aponta para a possibilidade de mudança, utilizando a reflexão e exemplos de ações concretas em direção a uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

LISTA DE REFERÊNCIAS

DEBATE. **Racismo religioso: a UFF e o debate sobre a intolerância às religiões de matriz africana.** Universidade Federal Fluminense. Disponível em:

<<https://www.uff.br/?q=noticias/21-09-2022/racismo-religioso-uff-e-o-debate-sobre-intolerancia-religioes-de-matriz-0>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

RIOS, Alan. **Mãe de vítima de racismo religioso desabafa: “Impedida de estudar”.** Metrôpoles. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/distrito-federal/mae-de-vitima-de-racismo-religioso-desabafa-impedida-de-estudar>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana. G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml>>.

Acesso em: 20 de maio de 2023.

DIOGO. **Por que Racismo Religioso e não apenas Intolerância Religiosa?** Brasil de Fato - Bahia. Disponível em:

<<https://www.brasildefatoba.com.br/2019/07/11/por-que-racismo-religioso-e-nao-ape-nas-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

EDUCAÇÃO. **Raízes negras: Cultura dos escravos contribuiu para a formação do Brasil.** Uol.com.br. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/raizes-negras-cultura-dos-escravos-contribuiu-para-a-formacao-do-brasil.htm>>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

Portal da Cultura Afro-Brasileira. **A Cultura Africana**. Disponível em:

<https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_l.php#:~:text=A%20Cultura%20Africana&text=Os%20africanos%20trazidos%20ao%20Brasil,foi%20geralmente%20suprimida%20pelos%20colonizadores.>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

Senado Federal. **Racismo Religioso**. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia>>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

G1. 2023. **Entenda o que é racismo religioso, prática de intolerância contra cultos de matriz africana**.. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/02/23/entenda-o-que-e-racismo-religioso-pratica-de-intolerancia-contracultos-de-matriz-africana.ghtml>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

IBGE (2021) Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/93473>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

IBGE (2010) CENSO - Amostra Religião. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>> Acesso em: 25 de maio de 2023.

Agência Brasil. **Relatório aponta aumento de casos de intolerância religiosa no país**. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/relatorio-aponta-aumento-de-casos-de-intolerancia-religiosa-no-pais>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância Religiosa**. São Paulo. Polén Livros, 2020.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15. ed. Rio de Janeiro, Universal Produções, 2002.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

RIBEIRO, Wesley dos Santos. **Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI**. 192 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** (4. ed.). Barueri: Manole, 2008.

COUTO, Andréia Terzariol. Livro-reportagem: Guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo. Alínea; 1ª edição, 2017.

Santos, Carlos Alberto Ivanir dos; Dias, Bruno Bonsanto; Santos, Luan Costa Ivanir: **II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe**.2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/relatorio-aponta-aumento-da-intolerancia-religiosa-no-brasil/>> Acesso em: 23 de maio de 2023.

FRANCO, Gilciana Paulo. As religiões de matriz africana no Brasil: luta resistência e sobrevivência. 2021

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.** 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/tFh5DWhR8wWVWNsXL4Z9yxv/?format=html>> Acesso em: 08 de setembro de 2023.

Ilê Axé Omiojuarô, Ilê Axé Omi Ogun siwajú e Criola. **Terreiros em luta: caminhos para o enfrentamento ao racismo religioso.** 2022

Prandi, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.** 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/tFh5DWhR8wWVWNsXL4Z9yxv/?format=html#>> Acesso em 13 de novembro de 2023.

Careli, Marcia Regina Padrini. **A história da umbanda: ritos e rituais.** 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/696>> Acesso em 13 de novembro de 2023.

Favero, Yvie. **A Religião e as religiões africanas no Brasil.** 2007. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-Religi%C3%A3o-e-as-religi%C3%B5es-africanas-no-Brasil1.pdf>> Acesso em 14 de novembro de 2023

Pimentel, Diogo Fabiano Barbosa. **O quebra de Xangô de 1912 : uma reflexão histórica.** 2022 Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9106>> Acesso em: 13 de novembro de 2023.

Rosa, Tiago Barros. **O PODER EM BOURDIEU E FOUCAULT: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER SIMBÓLICO E O PODER DISCIPLINAR.** 2017. Disponível em: <[file:///C:/Users/pedrocacarvalho/Downloads/1+9933+Artigo+1+-+O+poder+em+Bourdieu_Rosa_final+rev%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pedrocacarvalho/Downloads/1+9933+Artigo+1+-+O+poder+em+Bourdieu_Rosa_final+rev%20(1).pdf)> Acesso em 14 de novembro de 2023

Guerra, Gabriel. **“O Que é Racismo Religioso E Como Ele Afeta a População Negra.”** Conectas, 2022. Disponível em: <www.conectas.org/noticias/o-que-e-racismo-religioso-e-como-ele-afeta-a-populacao-negra/>. – Acesso em 10 de novembro de 2023

Rocha, Carolina . **“Racismo Religioso.” Religião E Poder”** 2022. Disponível em: <religioepoder.org.br/artigo/racismo-religioso>. – Acesso em 23 de outubro de 2023

Westin , Ricardo. **“Racismo Religioso.” Senado Federal,** 2023, www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia. Acesso em 17 Março de 2023.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de et al. **Intolerância religiosa: a construção de um problema público**. Revista Intolerância Religiosa. Rio de Janeiro, Koinonia, 2017, 2017. – Acesso em 18 de outubro de 2023.

FRANCO, Gilciana Paulo. **As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência**. *Sacrilegens*, v. 18, n. 1, p. 30-46, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/34154>> Acesso em 17 de novembro.

BARROS, Leonardo Patricio de et al. **Racismo Religioso: uma outra face do racismo na formação social brasileira**. 2022. Disponível em: <<https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/18514>> Acesso em 17 de novembro de 2023.

LÚZIO, JORGE. **AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: notas, debates, diálogos como instrumentos contra o racismo religioso**. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/semanacoloquio/204531-as-religioes-afro-brasileiras-no-ensino-de-historia--notas-debates-e-dialogos-como-instrumentos-contrao-racismo/>> Acesso em 18 de novembro de 2023.

Dias, Luana. **“Racismo Religioso No Brasil | FRM.” Fundação Roberto Marinho**, 2022, [futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/trilha/racismo-religioso-no-brasil-aspectos-historicos-culturais-e](https://www.futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/trilha/racismo-religioso-no-brasil-aspectos-historicos-culturais-e). Acesso em 18 de novembro de 2023.

CLDF, Agência. **“Racismo Religioso Será Punido No DF.”** CLDF, 24 Jan. 2023, Disponível em: < www.cl.df.gov.br/-/racismo-religioso-sera-punido-no-df > . Acesso em: 18 de Novembro de 2023.

Matuoka, Ingrid. **“Como a Escola Pode Ajudar a Combater O Racismo Religioso.”** Centro de Referências Em Educação Integral, 13 Jan. 2023, <educacaointegral.org.br/reportagens/como-escola-pode-ajudar-combater-o-racismo-religioso/>. Acesso em 18 de Novembro de 2023.

UOL,Ecoa. **“Papo Preto #111: A Diferença Entre Racismo Religioso E Intolerância Religiosa.”** 25 Jan. 2023, www.google.com/amp/s/www.uol.com.br/ecoa/videos/2023/01/25/papo-preto-111-a-diferenca-entre-racismo-religioso-e-intolerancia-religiosa.amp.htm. Acesso em 19 de Novembro de 2023.

Rocha, Carolina. **“Racismo Religioso.”** **Dicionário de Favelas Marielle Franco**, 15 June 2023, Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Racismo_Religioso> Acesso em 19 de novembro de 2023.

Nunes, Fernanda. **“Racismo Religioso: A UFF E O Debate Sobre a Intolerância Às Religiões de Matriz Africana.”** Universidade Federal Fluminense, 21 Sept. 2022, Disponível em: <www.uff.br/?q=noticias/21-09-2022/racismo-religioso-uff-e-o-debate-sobre-intolerancia-religioes-de-matriz-0>. Acesso em 19 de novembro de 2023.

APÊNDICE A - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio de Janeiro, 01 de novembro de 2023.

Eu, (Solange de Arruda Machado), portador da cédula de identidade 5498620(DNT), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 01 de novembro de 2023, a(o) estudante Izabella Politi Golono, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Izabella Politi Golono, estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG:5498620 (Detran RJ)

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Boston (Massachussets, EUA), 17 de novembro de 2023.

Eu, Guilherme Dantas Nogueira, portador da cédula de identidade 11219084 (SSP-MG), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 23 de outubro de 2023, a(o) estudante Izabella Politi Golono, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, mas com a necessidade de que eu valide o uso (registros dessa validação constarão por escrito), desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Izabella Politi Golono, estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG: 11219084

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2023.

Eu, Leonardo Vieira Silva, portador da cédula de identidade de nº 20.406.288-9, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 27 de outubro de 2023, a(o) estudante Izabella Politi Golono, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Izabella Politi Golono, estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: 
RG: 20.406.288-9

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 16 de novembro de 2023.

Eu, (Marco Antonio Forner), portador da cédula de identidade 17826081-2(SSP-sp), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 08 de novembro de 2023, a(o) estudante Izabella Politi Golono, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Izabella Politi Golono, estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:  17/11/2023


RG:17826081-2

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2023.

Eu, Luciana Nogueira Costa, portador da cédula de identidade 31.368.284-1 DETRAN - RJ, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 15 de outubro de 2023, a(o) estudante Izabella Politi Golono, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Izabella Politi Golono, estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: 
RG: 31.368.284-1



Mais que
intolerância:

RACISMO RELIGIOSO

Izabella Politi Golono

UNIVERSIDADE CAMPO LIMPO PAULISTA

Mais que
intolerância:

RACISMO RELIGIOSO

Izabella Politi Golono

Jundiaí, SP

2023

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela, 1995

Dedico este livro, primeiramente à minha
gêmea, minha parceira de vida e melhor amiga,
Amarilyz.

Também dedico à espiritualidade que,
mesmo nos momentos mais difíceis,
me apoiou e me ajudou a levantar.

Mãe, esse livro também é para você, talvez
do outro lado não seja possível ler,
mas sei que esteve comigo o processo todo.

Gratidão a todos que fizeram parte deste
projeto, que é mais que um projeto,
mas um renascimento à autora.

Mudanças são necessárias,
Erga a cabeça,
Repita a dose,
Sem metamorfose,
Não haviam borboletas

Wilian Neri

*"Tantas batalhas venci
Muitas ainda vou enfrentar
Muitas vezes vou cair
Mas sempre vou levantar
Meu escudo é minha fé
Minha espada é o Orixá
Tenho meu corpo fechado
Nas rezas do Jacutá
Quando eu cai, meu pai
Ogum me levantou
Quando eu sofri, mamãe
Oxum me amparou"*

Se eu fosse só - Puro Axé

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	07
II. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	14
III. AS VÍTIMAS	24
IV. RACISMO RELIGIOSO	30
V. MEDIDAS	40
VI. LISTA DE REFERÊNCIAS	44

I. INTRODUÇÃO

A intolerância religiosa é um fenômeno que permeia e é enfrentado por diversos países do mundo, inclusive o Brasil.

A Constituição Brasileira assegura, teoricamente, o direito à liberdade religiosa desde 1988¹ declarando que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza", o que inclui a religião.

Além disso, o artigo 5º também garante a liberdade de crença e culto, garantindo a todos o direito de professar e praticar a religião de sua escolha.

Contudo, na prática, apesar da proteção legal da liberdade religiosa, episódios de discriminação norteados por preconceitos religiosos continuam a ocorrer.

Desde um simples olhar torto ao se expressar religiosamente até a ações mais violentas, como agressões e a morte, escancaram um fenômeno presente no Brasil desde sua invasão: o racismo religioso.

O termo surge como uma oposição à ideia de intolerância religiosa, visto que, o mesmo é muito abrangente e vem da palavra tolerar, suportar, o que não garante o respeito às religiões.

Diferenciar o racismo religioso do antigo termo visa demarcar ações racistas que afetam os adeptos e praticantes das religiões e tradições de matriz africana, para assim, abordar não apenas os sintomas, mas a estrutura em si: o racismo.

Além disso, a terminologia intolerância religiosa individualiza casos de violência contra terreiros, visto que diferentes formas de preconceito afetam um mesmo grupo, uma mesma matriz.

■ O INÍCIO ■

A perseguição contra as religiões afro-brasileiras não é uma novidade no Brasil. Ao longo da história é possível observar a opressão contra, não apenas às religiões, mas à própria cultura de matriz-africana.

Durante a escravização do povo africano, a relação de opressor e oprimido ultrapassou as barreiras físicas e psicológicas, afetando até mesmo a cultura e religião seguidas pelos povos aprisionados.

Um exemplo disso é o sincretismo religioso², um movimento de resistência dos escravizados ao serem privados de cultuar sua fé pelos donos de engenho.

O sincretismo religioso foi uma estratégia utilizada pelos escravizados que visava a sobrevivência do culto à ancestralidade e espiritualidade, muito presente na África. O feito consistia no culto aos Orixás utilizando as imagens de santos católicos, impostos na época pelo povo branco.

As imagens foram estrategicamente relacionadas aos Orixás, assimilando as características das divindades com as imagem católicas.

Outro ponto que também demonstra a opressão contra a religiosidade afro-brasileira acontece durante o período do Brasil Império.

As crenças africanas, posteriormente o Candomblé, por destoar do padrão civilizacional europeu imposto pelas elites e pelo Estado, foi duramente perseguido ao longo da história.

No cenário colonial, a Igreja Católica e o Estado buscavam controlar o campo religioso, através da repressão a práticas religiosas dos indígenas, dos protestantes e principalmente do povo escravizado.

Mesmo com a certa flexibilidade que o regime imperial ou Brasil Império proporcionou à liberdade religiosa, a expressão das manifestações religiosas afro-brasileiras ainda eram cerceadas.

O Candomblé que na época não era considerada religião e, pela ótica do poder, difamava a moral pública, foi afetada pelo novo Código Criminal de 1890³. Nele, eram considerados crimes o curandeirismo e o espiritismo, artigos que também atingiam nitidamente a cultura religiosa de matriz africana.

Paralelo a isso, a Igreja Católica, mesmo oficialmente separada do Estado, promovia a dominação cultural a partir dos valores eurocêntricos sustentados pela influência da instituição que continuava a ter privilégios e uma estreita relação com o poder.

Esse recorte na história brasileira demonstra apenas um cenário das perseguições contras as religiões de matriz africana que impactaram o entendimento e preconceitos seguidos até os tempos atuais.

Atualmente, é possível perceber o reflexo das ações tomadas e preconceitos perpetuados no contexto histórico.

■ RACISMO RELIGIOSO ■

De acordo com uma pesquisa coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde⁴, que ouviu 255 terreiros de todo o país, 91,7% dos pais e mães de santo já ouviram algum tipo de preconceito, 78,4% já foram alvos de violência por sua escolha religiosa e quase a metade relatou até cinco ataques nos dois anos anteriores à pesquisa realizada em 2022.

Segundo dados do Disque 100⁵, houve o aumento de 45% nos atos de intolerância religiosa nos últimos dois anos. Contudo, ao analisar as notificações mais recentes do serviço, há apenas 113 registros de violações em 2022 caracterizadas pela intolerância religiosa, indicando uma tendência de subnotificação de ocorrências.

Além disso, de acordo com o SaferNet Brasil⁶ o crime de intolerância religiosa na internet teve o aumento de 654% no primeiro semestre de 2022. No mesmo período do ano anterior, haviam sido registradas 373 denúncias, enquanto em 2022 foram registrados 2.813 ocorrências.

Tais dados coletivos não apenas demonstram a presença do racismo religioso na sociedade brasileira, mas também coligam os casos de preconceito entendidos como isolados ou individuais segundo a definição de intolerância religiosa.

Menu **O GLOBO** | Direitos Humanos | Buscar | Entrar

Brasil / Direitos Humanos

Denúncias de intolerância religiosa nos estados aumentam 45,6% no primeiro semestre

De janeiro a junho, foram feitas 383 denúncias ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Por Pamela Dias
19/06/2023 | 08h10 | Atualizado há um ano

OP | Entrar | Assinar

Reportagem

Marcas que ficam: casos de intolerância religiosa mais que quintuplicam no Ceará

Dados são de um levantamento solicitado pelo O POVO para a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará (SSPDS-CE) e considera os últimos quatro anos

O DIA | Entrar | Buscar | Anuncie no O Dia | Assinar

HOME | ÚLTIMAS NOTÍCIAS | 30 DE JANEIRO | DIVERSÃO | ESPORTE | COLUNAS | ECONOMIA | BRASIL | MUNDO E CIÊNCIA | SUA CIDADE | PODCASTS

INFORME DO DIA

Intolerância religiosa: Dobrou o número de denúncias no Rio

#COLABORA | Ligar

PÁGINA INICIAL / DIVERSIDADE

Racismo e intolerância religiosa no 'BBB 23' escancaram realidade brasileira

Eliminado da casa, o médico Fred Nicácio chora agora ao ver cenas protagonizadas por colegas de confinamento; organização notifica Rede Globo

Por Ana Carolina Ayala | 05/03/2023 - 10h19 - Atualizado em 20 de março de 2023 - 08:39

METRÓPOLES | Entrar | Buscar

Distrito Federal

Mãe de vítima de racismo religioso desabafa: "Impedida de estudar"

Adolescente de 14 anos foi impedida de entrar em escola com foto de conta, usado por motivo religioso. Mãe questiona direção

Alan Reis, Francisco Dutra
19/03/2023 03:00, atualizado em 19/03/2023 09:28

g1 | BAHIA

Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana

Exemplar vandalizado da obra 'Amorax' será reposto em escola de Salvador. Advogada aponta racismo religioso

Por: g1 e Monica Melo, TV Bahia
07/03/2023 09:00 | Atualizado há 1 hora

SAB | Notícias | 82 3023 7200

Atualizado em 07/03/2023 10:00

Aumento de 80%: OAB Alagoas já registrou 25 denúncias de racismo em 2023

7 de novembro de 2023 | Maceió, Alagoas

agênciaBrasil



SP registra aumento de intolerância religiosa em 2023

Foram 181 casos no primeiro trimestre, 82,4% do total do ano passado

19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12

Brasil de Fato 20 ANOS | Entrar | Buscar

INÍCIO > DIREITOS HUMANOS

DIREITOS HUMANOS

Em 2021, foram feitas 571 denúncias de violação à liberdade de crença no Brasil

Para mãe de santo Adna Santos, não se trata de intolerância apenas, e sim de um racismo religioso

Pedro Rafael Viêira
Brasil de Fato | Brasília (DF) | 21 de Janeiro de 2022, às 10:39

Brasil de Fato 20 ANOS | Entrar | Buscar

INÍCIO > BAHIA

RACISMO RELIGIOSO

Terreiro é novamente invadido e depredado na região metropolitana de Salvador (BA)

A casa, em Dias D'Ávila, já foi alvo de diversos ataques, mas Estado não registra atos como intolerância religiosa

Cibéria Assis

Menu | Q | **A Gazeta** | Assinar | Entrar

Ameaça e agressão

Crimes de intolerância religiosa triplicam no ES em um ano

Dados são da Secretaria e Segurança Pública e são referentes entre os anos de 2021 e 2022.

Publicado em 6 de maio de 2023 às 18:38

Redação de A Gazeta
redacao@gazeta.com.br

3 min de leitura

Brasil de Fato 20 ANOS | Entrar | Buscar

INÍCIO > DIREITOS HUMANOS

RACISMO RELIGIOSO

Polícia Militar tortura filho de Ialorixá e invade terreiro em Alagoas, denuncia advogado

"Crianças foram espancadas e obrigadas a ingerir bebidas alcoólicas", diz Pedro Gualberto, que acompanha o caso

Cibéria Assis
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 12 de março de 2023, às 08:07

*Imagens da internet

II. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS



*Imagem gerada pela inteligência artificial Bing

A Umbanda e o Candomblé são duas das plurais religiões afro-brasileiras que possuem raízes profundas no mosaico cultural do Brasil. Ambas são manifestações da fé e resistência dos escravizados que influenciaram na identidade deste país.

Com influência das religiões africanas, o Candomblé⁷ se estabeleceu no Brasil durante o período da escravização. A origem do Candomblé mais aceita pelos adeptos, aconteceu em Salvador, Bahia, no final do século XVI e início do século XVII, e se espalhou por todo o país gradualmente.

Já, a origem mais aceita da Umbanda⁸, acontece no Rio de Janeiro, em 1908, fundada pelo médium Zélio Fernandinho de Moraes, que, com o auxílio do Caboclo Sete Encruzilhadas decretou o início da religião.

O Candomblé e a Umbanda são religiões monoteístas, cujo Deus possui o nome de Olorun, Nzambi ou Olodumare, dependendo da nação e doutrina que o terreiro segue, como a Nação Ketu, Nação Banto ou Bantu e Nação Jeje, no Candomblé.

É importante explicar que o Candomblé e a Umbanda não são religiões únicas, mas sim um conjunto de doutrinas semelhantes, que possuem denominações com diferenças na ritualística e doutrina teológicas.

No Candomblé e na Umbanda também são cultuados Orixás, representações energéticas das forças da natureza, aspectos e sensibilidade humana, como Iemanjá com os mares, Xangô com a justiça e Oxóssi às matas e fartura.

Sabe-se que na África, mais especificamente na Nigéria e no Benim, mais de quatrocentos Orixás eram cultuados. Entretanto, com o cenário do período da colonização, foram cultuados cerca de 16 Orixás⁹, podendo variar de acordo com a nação e doutrina.

São eles:



*Gerada pela IA Bing

Exu: O Orixá mensageiro, guardião das encruzilhadas, responsável pela comunicação entre os Orixás e o plano mundano.

Vale mencionar que também existem entidades chamadas de Exú. As entidades são guardiãs e cuidam das portas, encruzilhadas e das ruas. Além disso, Exú significa energia, movimento.

Ogum: O Orixá guerreiro, ligado ao ferro, aço, coragem, disciplina, trabalho e tecnologia.

Ogum também pode ser relacionado à criatividade humana, à necessidade do trabalho, da descoberta e também à determinação de conquista, progresso.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Ossain: Orixá das folhas, como ervas medicinais e seus segredos curativos. Responsável por todas as ervas e pela delegação delas aos Orixás. Relacionado à cura e à medicina.

Oxóssi: O Orixá caçador. Senhor da floresta e de todos os animais que lá habitam. Senhor da flecha certa, também é relacionado à fartura e prosperidade.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Logun Edé: O príncipe herdeiro. Uma divindade que compartilha características de Oxóssi e Oxum, possui uma dualidade que transcende o masculino e o feminino.

Xangô: O Orixá do trovão, justiça, pedreiras e do fogo. O rei de todos os reis é a expressão da luta pelo correto e o defensor. Também é relacionado à ética e os bons modos.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Oxumarê: O Orixá do arco-íris, símbolo da renovação, equilíbrio e do movimento. Ele também é ligado ao ciclo, ao infinito, à transmutação e ao conhecimento.

Ayra: Orixá da família do raio e dos ventos, seu nome significa "redemoinho" e possui ligações com o furacão. Tido como ancião, Airá é aquele que povoou a terra após a sua criação.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Oxum: A Orixá das águas doces, associada ao amor e a empatia. É a rainha de todas as riquezas e ouro, é a dona da fertilidade e detentora de toda a água doce, dos rios e cachoeira. Também é estrategista e diplomática

Yewá: Senhora da vidência, a virgem caçadora. É a senhora da pureza e do inexplorado. Também é relacionada a dança da natureza e a sua eterna transformação.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Iemanjá: A Orixá dos mares, simboliza a maternidade, a proteção e a generosidade. É a Grande Mãe, a mãe de toda humanidade. Também é relacionada à prosperidade.

Obá: A orixá das águas revoltas e do fogo, É o temperamento forte, é a resistência que toda mulher possui. É a caracterização da luta feminina, da independência e do respeito. É a demonstração da igualdade, não há o sexo forte ou frágil.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Iansã (ou Oyá): A Orixá guerreira dos ventos, tempestades e raios, associada à transformação e à força. Iansã é a Orixá Guerreira, não há barreiras que parem Iansã. Também é a responsável para guiar os eguns (almas) aos seus respectivos destinos.

Naná: A Orixá mais velha, ligada a lama e a lagoa, representa a sabedoria, a paciência e a ancestralidade. A Senhora responsável pela experiência ao longo dos anos, também pode ser relacionada aos portões da desencarnação. Junto a Oxalá, fez parte da criação da Terra.



*Gerada pela IA Bing



*Gerada pela IA Bing

Oxalá: Orixá que representa as energias da criação, considerado Pai de todos, representa a fé, a paz e a totalidade.. É aquele que deu o “sopro da vida”.

Obaluaiê - Omolu: "Senhor da vida na Terra" e "Senhor da Luz", respectivamente. Também é considerado o senhor da cura e da doença. É ligado à saúde, a vida e à morte. Seu poder cura enfermidades tanto do corpo físico, quanto da alma.



*Foto tirada pela autora do livro

É importante mencionar que estas são apenas características superficiais dos Orixás referidos. Cada Orixá e filho possuem sua própria ligação e relação, influenciando na vida de seu "filho" e auxiliando na evolução espiritual.

Vale ressaltar também que os Orixás podem variar suas características de acordo com a nação ou vertente do terreiro.

Na coroa de uma pessoa, estão presentes três Orixás, o Orixá de cabeça, que rege a atual encarnação da pessoa e o auxilia na evolução espiritual; o Orixá Adjuntó, que forma um par com o Orixá de cabeça e visa o equilíbrio íntimo e emocional da pessoa; e o Orixá Ancestral, aquele que está presente nas encarnações do ser, desde a primeira vez.

Os locais para a realização dos rituais das religiões são chamados de terreiros, Ilês ou barracões. Os rituais são presididos por um líder religioso, que no Candomblé são denominados de Babalorixá para homens e Ialorixá para as mulheres e na Umbanda de pai ou mãe de santo.

As principais diferenças entre a Umbanda e o Candomblé envolvem diversos elementos, como a ênfase nos Orixás por parte do Candomblé e a prática da incorporação de entidades, espíritos de pessoas que já foram encarnadas, por parte da Umbanda.

Porém vale mencionar que alguns terreiros de Candomblé também possuem incorporação de algumas entidades, mas não com tanta ênfase quanto na Umbanda.

As diferenças também se estendem aos rituais e práticas religiosas. Na Umbanda, a prática ritualística é diversificada, incluindo incorporação, oferendas, rezas e métodos de cura espiritual, com a flexibilidade ritualística variando conforme as influências presentes em cada casa.

No Candomblé, rituais específicos são realizados para invocar e reverenciar os Orixás, incorporando danças, cantos, oferendas e celebrações sazonais.

Vale mencionar que a Umbanda e o Candomblé se distinguem de maneiras mais complexas quando entendidas a partir de um maior panorama das realidades e identidades religiosas comentadas.

Apesar das diferenças, ambas as religiões fazem parte da diversidade religiosa brasileira, com abordagens herdadas da cultura africana para a espiritualidade e a compreensão do divino.

III. AS VÍTIMAS



*Imagem gerada pela inteligência artificial Bing

DOMINGO, 13/08/2023 - RIO DE JANEIRO

O dia começava cedo com os preparativos necessários para os trabalhos do dia. Cozinha milho daqui, estoura pipoca de lá,, esse era o ritmo da lalorixá Solange D'Ogum e de suas filhas de santo, Luciana Costa e Elizabete de Moura.

Luciana havia sido diagnosticada com glaucoma. Sua visão do olho esquerdo já havia sido comprometida e estava afetando o olho direito.

Solange e suas filhas de santo, preocupadas com a lesão, haviam marcado de realizar um Ebó e uma oferenda para as Iyás, as grandes mães, no domingo para auxiliar no tratamento.

Porém, a chuva não dava trégua e permaneceu assim até às 16 horas, que foi quando elas tiveram a oportunidade de ir para a mata da colônia, tradicional e frequentada para a realização de oferendas.

As três organizaram os itens no carro para os rituais. Contudo, antes de sair de casa, a lalorixá sentiu seus olhos se encherem d'água e uma vontade imensa de chorar. Em seu peito crescia um pressentimento ruim .

Experiente, Solange sabia que sua entidade e guardião Exu tinha algo a dizer. E ela sentia que o pressentimento estava relacionado a Bete.

Entretanto, por estar com receio da chuva retornar e não querer assustar suas filhas de santo, a lalorixá resolveu não dizer nada.

"Mãe, meus olhos encheram d'água, me deu muita vontade de chorar" disse Luciana a lalorixá.

Solange também disse que sentiu, mas acalmou sua filha e confiou em seus guardiões e em seu Pai Ogum.

MATA DA COLÔNIA - 16H30

Quando chegaram no local. As três esticaram um pano branco no chão da mata e organizaram os preparativos para os rituais.

Solange, concentrada no fundamento e nos Orixás, passou o Ebó em Luciana. Estavam se preparando para fazer a entrega às Iyás e --

"TUM!"

As três ouviram um barulho alto e pesado.

"Mãe, acho que caiu um tronco ali", disse
Luciana.

Porém, Solange que estava de frente a mata, olhou ao redor e não viu nada. Suas filhas que estavam a sua frente e de costas à natureza também não viram nada.

Segundos depois, as três ouviram o mesmo barulho e a lalorixá percebeu o que eram.

"Gente, isso é pedra!", exclamou.

"MORRAM!"

"MORRAM MACUMBEIRAS!"

"FEITICEIRAS DESGRAÇADAS!"

"MALDITAS!"

ouviram homens gritando.

Os homens, que estavam em uma parte mais alta da mata jogaram pedras com cerca de cinco quilos enquanto as ofendiam.

Naquele momento, Solange viu uma pedra passar muito perto da cabeça de sua filha Bete. Em paralelo a isso, a lalorixá se lembrou de seu guardião e teve a certeza de um livramento.

Porém, o trabalho não poderia ser parado no meio. Até sua finalização, muitos processos já haviam passado e outras etapas já haviam sido concluídas.

Mas, antes que percebessem, os homens saíram. Apenas sumiram na mata.

Assustada, Solange se lembra de uma das pedras passar a centímetros da cabeça de sua filha de santo, Bete. Ao mesmo tempo, também lembrava de seu Exu e do pressentimento de pouco tempo atrás.

"Mãe, vai ficar tudo bem, não vai acontecer mais nada", disse Elizabete.

As três respiraram fundo e voltaram a fazer o trabalho.

"A gente tava assim, um olho na missa e outro no padre" comenta Solange durante o relato.

Mesmo sem concentração e foco, as três terminaram os trabalhos e oraram para chegarem bem em suas casas.

CASA DE SOLANGE - APÓS O ATAQUE

Ao chegar em casa, Solange não conseguia relaxar. Sua mente ficava revivendo o momento em que uma pedra quase acertou sua filha de santo.

Nesses "flashbacks", via sua filha machucada, via como se sua filha havia sido atingida pela pedra, ao mesmo tempo em que crescia no seu peito uma certeza de que ali era o fim para a Ekedí, função de sua filha de santo.

Solange ainda não falou com seu Exú, mas tem a certeza de que seu guardião iria a aletar. A Ialorixá sabe que sua entidade iria dizer que as protegeriam.

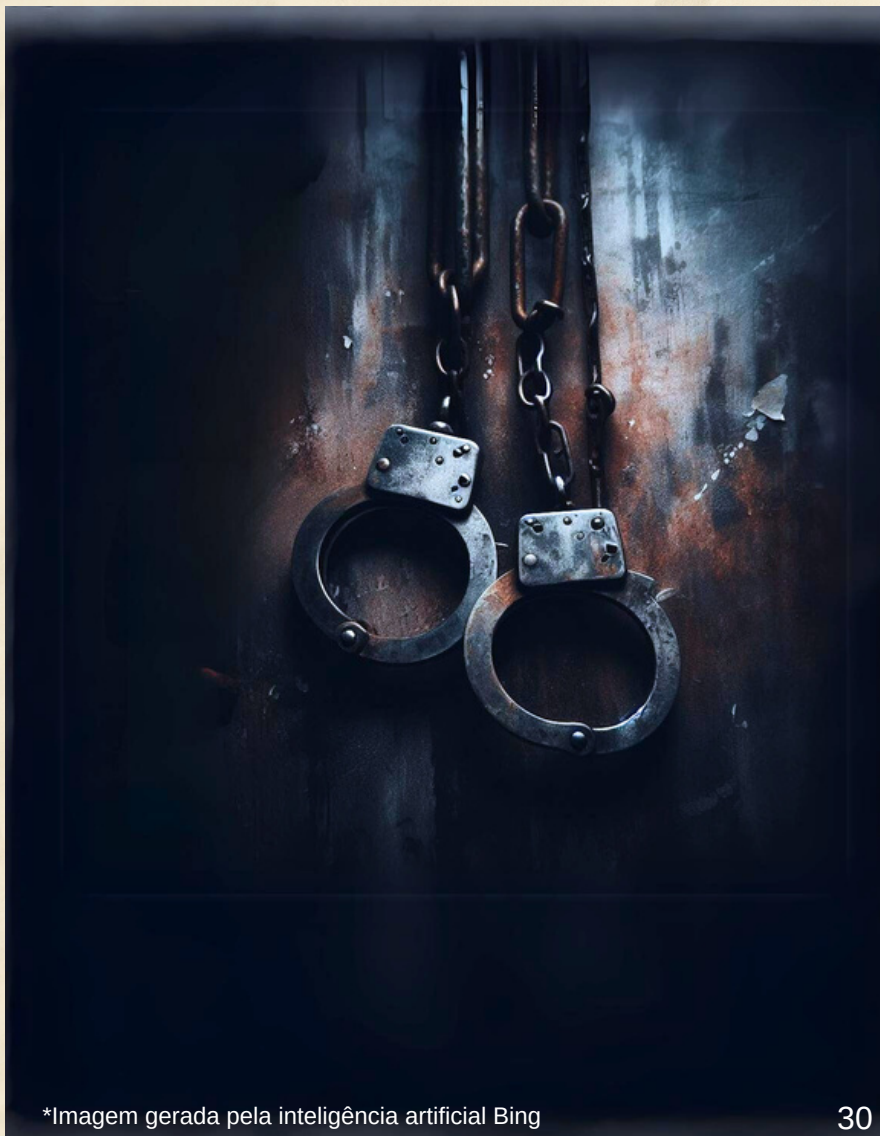
Como protegeu.

Uma semana depois, as três buscaram a delegacia e fizeram um boletim de ocorrência. Atualmente, Solange se encontra melhor e ainda fazendo os trabalhos no local. Suas filhas de santo também seguiram o rumo e voltaram a fazer trabalhos lá.

Porém, agora com um novo sentimento, o receio.

IV. RACISMO RELIGIOSO

ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA



*Imagem gerada pela inteligência artificial Bing

“As perseguições às religiões de matriz africana, aos povos de terreiro, como queira chamar, [...] são inerentes ao processo diaspórico, do momento que chega, momento em que essa população começa a explicitar as suas formas de ser”

A fala do pesquisador Leonardo Vieira, nos faz voltar à época da escravização dos povos africanos no Brasil.

Em 1535 o primeiro Navio Negreiro chegava ao Brasil, mais especificamente em Salvador. O tráfico de seres humanos perdurou até 1850, data em que proibiram de vez o tráfico de escravizados africanos.

Os navios negreiros possuíram diversas formas e tamanhos ao longo dos 315 anos em que essa prática aconteceu, entretanto os maus tratos e as condições em que os africanos, tratados como cargas vivas, enfrentavam nos navios negreiros eram muito semelhantes.

Contudo, o tráfico de escravizados é apenas a ponta do iceberg das consequências que a escravização no Brasil proporcionou.

Ao serem trazidos para território nacional, os africanos eram reduzidos a objetos e vendidos como mercadorias para diferentes tipos de mão de obra, como nos engenhos de cana-de-açúcar, em lavouras, em pescas, serviços domésticos e entre outros. Ao todo, cerca de quatro milhões¹⁰ de escravizados foram trazidos para o Brasil.

Leonardo Vieira: Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense(2020), Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2020) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro(2014).

De acordo com o antropólogo Vieira, os primeiros povos forçados a vir, foram os Bantos, oriundos da África Central. O povo Banto também foi o primeiro a ser comercializado e a ser confinado nas senzalas, locais em que os escravizados eram trancafiados

As senzalas não tinham um padrão específico de construção, algumas eram feitas de taipas, outras eram em galpões, muitas possuíam telhados de palha e chão batido de terra, além dos grilhões que acorrentavam os escravizados. Na senzala as condições de vida eram precárias e não tinha ventilação adequada, o que também propiciava a proliferação de doenças.

Entretanto, os negros dentro da senzala criaram uma relação de contato e troca entre si, de compartilhamento e preocupação mútua.

Essa relação, que também era uma forma de resistência, causou um sentimento de estranheza ao povo opressor, já que em sua visão, os negros “eram seres que não tinham humanidade”, de acordo com o pesquisador.

A tradição e cultura ali mostrada, para a perspectiva do branco, era passível de ser “rechaçada, questionada e segregada”, segundo o antropólogo, e esse marco é tido como o início das perseguições, afinal os povos africanos não foram apenas oprimidos fisicamente, mas também culturalmente.

Em 1603 as Ordenações Filipinas¹¹, uma compilação de normas editadas pela coroa portuguesa, começaram a vigorar no Brasil. Neste conjunto de leis, haviam medidas voltadas exclusivamente a questões religiosas.

As Ordenações, que perduraram no Brasil até 1830, inspiraram leis no código penal de 1890, que passou a criminalizar a prática de feitiçaria, a prática do curandeirismo, da vadiagem e o charlatanismo.

Além disso, as Ordenações Filipinas também visavam regulamentar a escravização com a conversão dos escravizados ao catolicismo e a adoção de nomes cristãos.

Outro ponto importante ocorreu em 1824, ano em que a religião Católica Apostólica Romana foi estabelecida como a religião oficial na Constituição Política do Império do Brasil, reduzindo e criminalizando religiões entendidas como não oficiais ou cultos.

Com essas classificações, as perseguições passaram a ter o alvará do Estado. Como consequência, a fim de se preservar, praticantes e líderes religiosos foram forçados a manter suas crenças em segredo, um ato observado até os dias de hoje.

As perseguições religiosas promoveram marcos históricos de violência, como o quebra de Xangô¹², em 1912. Por uma disputa política entre os poderes da região de Alagoas, Euclides da Mata, até então governador, foi expulso de seu cargo e perseguido por jornais opositores, que associavam o ex-governador a práticas das religiões afro-brasileiras.

Além disso, o quebra de Xangô também promoveu no dia 1 de fevereiro do mesmo ano, a destruição de vários terreiros e a proibição das expressões afro-religiosas.

"O quebra de Xangô foi uma grande expressão de perseguição estatal às religiões afro-brasileiras [...] em Alagoas", complementa o antropólogo.

Outro grande marco na história brasileira é o dia da intolerância religiosa, em 21 de Janeiro. Essa data foi escolhida para homenagear a mãe Gilda do Ilê Axé Abassá de Ogum que morreu em 21 de Janeiro de 2000.

Mãe Gilda ¹³ teve sua imagem utilizada, sem sua autorização, pelo jornal impresso da Igreja Universal do Reino de Deus em outubro de 1999. Sua imagem veiculada tinha como legenda: "Macumbeiros e charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes"

A vinculação da imagem da mãe de santo ao charlatanismo e a discriminação com as religiões afro-brasileiras, resultaram na morte de Gilda, que ficou com a saúde fragilizada e sofreu um infarto fulminante..

Todo esse passado, aqui falado brevemente, leva ao que entendemos hoje como racismo religioso um fenômeno de perseguições religiosas com especificidades vistas em territórios nacional.

▪ RESISTÊNCIA ▪

Ao longo da história brasileira, é possível perceber diversas expressões de resistência pelo povo negro e pelos povos de terreiro. Apesar de serem perseguidas, as comunidades de matriz africana demonstram uma notável resiliência e resistência.

Desde 1978 existem trabalhos que afirmam que as senzalas havia um processo de organização, de resistência. Um exemplo disso é o Quilombo dos Palmares, o maior quilombo que existiu na América Latina.

"É importante pontuar que esse processo da senzalas e resistência não tem uma divisão ocidentalizada de movimento político, do que é e o que não é" afirma Leonardo Vieira.

Também é possível observar na história nacional formas de resistência dentro da senzalas em relação a fé, como o sincretismo religioso.

Para preservar e proteger sua cultura, tradições e fé, os Bantos criaram o sincretismo religioso, uma relação entre os Orixás até então cultuados na África e os santos católicos, como Oxóssi a São Sebastião, Iemanjá a Nossa Senhora da Conceição e Ogum a Santo Antônio, entre outros.

Revoltas organizadas, rebeliões, assassinatos e suicídios também compõem as diferentes formas de resistência por parte dos escravizados.

Ainda de acordo com o antropólogo, por volta do século 19, com a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República em 1889, o Candomblé passou a se espalhar de forma gradual.

Mesmo com o contexto das perseguições no Brasil, os povos de terreiro reivindicaram em 1978 a oficialização das religiões afro-brasileiras, até então tratadas como cultos.

No entanto, o estado reconheceu todas as expressões religiosas de matriz africana como candomblé. Esse feito que homogenizou e generalizou as religiões afro-brasileiras, também foi apontada pelos movimentos sociais, que começaram a defender a pluralidade das religiões de matriz africana.

Em paralelo a isso, um ponto importante para os movimentos sociais afro-religiosos, aconteceu no início dos anos 2000, com o evento internacional de Durban.

O evento de Durban foi uma conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e outras formas correlatas de intolerância. O Brasil, a partir dos movimentos sociais e o próprio governo, esteve presente na conferência internacional.

A presença do Brasil propiciou o combate à intolerância religiosa e outras formas de discriminação, além da implementação de ações afirmativas e avanços no sentido de classe e respeito com as expressões religiosas.

Essas ações afirmativas incluíam políticas de conscientização, educação e proteção legal para as comunidades afro-brasileiras e outros grupos religiosos que sofriam e sofrem discriminação.

No evento, Durban traz o pensamento da discriminação para um contexto muito maior e cria o termo intolerância religiosa.

A intolerância religiosa é uma categoria explicativa, que aborda a perspectiva de discriminação e preconceito religioso de uma maneira geral, em um contexto mundial.

Porém, quando essa nomenclatura chegou no Brasil, ela passou a ser usada para descrever os mais diversos crimes contra expressões religiosas, no contexto geral, sem diferenciações e especificidades.

"Essa é a grande questão, não tem uma diferenciação entre afro e o adventista do sétimo dia, a gente está falando de uma categoria mundial, não dá para trazer uma especificidade brasileira", complementa o antropólogo.

Com essa generalização, os movimentos sociais religiosos contestam, alegando que não é possível generalizar todas as formas de preconceito, quando são as religiões afros as mais perseguidas.

De acordo com o pesquisador, sociólogo Guilherme Dantas Nogueira, o conceito de racismo religioso surgiu em uma reunião por volta de 2010, um período onde estava em pauta o estatuto de igualdade racial e outros assuntos.

Nilo Sérgio Nogueira, que já trabalhava em prol das religiões afro-brasileiras e era responsável pela Secretaria de Políticas de Igualdade Racial, convidou representantes religiosos para debater questões relacionadas ao preconceito e violência sofridas pelos praticantes das religiões afro.

No debate foram convidadas Makota Valdina e a Mãe Beata de Iemanjá como representantes religiosas, duas grandes figuras da luta afro religiosa no Brasil.

Assim então, o professor e candomblécista, Waderson Flor do Nascimento, que também estava presente na reunião, pergunta o que seria, qual seria o nome da violência, já que não era intolerância religiosa

As lideranças responderam que o conceito e o termo que descreve o preconceito e a violência contra as religiões afro-brasileiras era racismo religioso

Após essa reunião, o professor Wanderson publicou um artigo de jornal sobre o novo conceito. Contudo, esse primeiro registro por ser um artigo de jornal, não trouxe um aprofundamento na conceituação do racismo religioso.

Então, no ano de 2016, a fim de oficializar o conceito surgem artigos científicos relevantes para o cenário, como artigo científico publicado pelo grupo Calandu, Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras.

"O racismo religioso designa a violência específica sofrida por pessoas praticantes das religiões afro-brasileiras e não apenas as pessoas, mas também as instituições religiosas em si, tanto no sentido de terreiros, quanto na própria noção abstrata [...] de uma região construída a partir de uma prática coletiva", define o sociólogo.

É importante destacar que o racismo religioso é um fenômeno brasileiro com especificidades vistas em território nacional. A nova terminologia vem dar um nome para a violência observada ao longo da história do Brasil e também vem para propiciar ações sociopolíticas e culturais em prol.

Nós estamos falando de finalmente atribuir uma expressão sócio-política cultural", confirma Nogueira.

O sociólogo também afirma que o racismo religioso não se limita a apenas a violência contra a cor da pele, mas que envolve tradições culturais e simbologias da afro religiosas afetando todo um modo de vida.

Ele também relembra que o racismo é uma construção social de estratégia de dominação na qual as pessoas brancas exercem um poder maior. Assim, o racismo religioso é uma manifestação do racismo estrutural.

V. MEDIDAS



*Imagem gerada pela inteligência artificial Bing

"O primeiro passo é acomodar as diferenças e entender o nosso papel político", destaca o pesquisador e antropólogo Leonardo Vieira.

Os terreiros, desde as senzalas, têm desempenhado o papel de espaços políticos, não no sentido partidário, mas na mobilização interna para realizar trabalhos e caridade. Esses locais são políticos, porque os povos de terreiro cuidam uns dos outros, percebendo a continuidade do outro como uma extensão de si mesmos.

Os preparativos dentro do terreiro para as oferendas, as giras e trabalhos, além das obrigações e fundamentos, geram a mobilização de uma comunidade, afinal, os preparativos são complexos e muitos podem demorar até mesmo dias para ficarem prontos.

Essa resistência à lógica individualista se manifesta na complexidade que surge quando ocorre a invasão do pensamento ocidental nos espaços religiosos afro-brasileiros. Para essas comunidades, a ideia de uma individualidade é extremamente complexa, pois estão arraigadas na tradição de cuidar mutuamente, seguindo a mesma lógica dos escravizados que se apoiavam coletivamente.

Essa lógica precisa ser compreendida, não apenas dentro dos terreiros, mas também no sentido público. Essa dinâmica coletiva contrasta com a estrutura do Estado, que enfrenta desafios ao lidar com o senso coletivo do terreiro, uma vez que sua organização é fundamentada na individualidade, uma característica política europeia.

A seguridade social e o papel do Estado, apesar de essenciais, falham em garantir a proteção coletiva necessária para as comunidades.

Medidas de segurança, como por exemplo proteção a testemunha, não é eficaz quando ocorre casos de racismo religioso, porque em um mesmo local, como o terreiro, abrange outras casas, outros líderes religiosos e filhos de santo. Retirar apenas uma pessoa, não é o suficiente. É necessário pensar em medidas que compreendam o coletivo.

Além disso, medidas também precisam ser implementadas em outros setores sociais, como ações afirmativas culturais e educacionais.

Uma maior ênfase no ambiente cultural e educacional sobre a diversidade religiosa, torna-se necessário, dada à pluralidade de religiões que existem no Brasil. No censo de 2010 do IBGE, mais de 20 religiões são citadas na pesquisa que passeiam pelas religiões, desde o hinduísmo à testemunha de jeová.

Porém iniciativas que promovam uma educação que reconheça e preserve os comportamentos ancestrais de resistência, tantos os observados dentro das comunidades religiosas, quanto ao longo da história escravocrata do Brasil também precisam ser incluídas.

Nesse contexto, iniciativas educacionais com ações afirmativas emergem como peças-chave na luta contra o racismo religioso.

Uma abordagem educacional proativa, que promova a compreensão e o respeito às diversas práticas religiosas, pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados às religiões afro-brasileiras.

Ao priorizar a sensibilização e a inclusão nas instituições educacionais, é possível criar um ambiente propício à tolerância e à aceitação das diferenças religiosas, combatendo assim o racismo religioso desde suas raízes.

Esses elementos afirmativos, na educação, na cultura, nos direitos humanos e nas legislações são cruciais, mas também é preciso pensar na eficácia das leis na prática.

VI. LISTA DE REFERÊNCIAS

1 - Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, inciso IV, garante que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

2 - Tito Lívio Cruz Romão. 2018. Sincretismo Religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: Divindades Africanas e Santos Católicos em tradução

<https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4gGGCwH5Vkl>

3 - Adriana Gomes. 2013. A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890: As discussões nos periódicos do Rio de Janeiro

<https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/6082/4428/13350#:~:text=157%20%E2%80%93%20Praticar%20o%20espiritismo%2C%20a,100%24000%20a%20500%24000>

4 - Respeite o Meu Terreiro: Pesquisa sobre o racismo religioso contra os povos tradicionais de religiões de matriz africana.

<https://defensoria.rj.def.br/uploads/imagens/2e80ce9ffa1647a881eb7551f6846c0a.pdf>

5 - Disque 100 - Serviço de utilidade pública do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania destinado a receber denúncias e demandas de violações de direitos humanos.

<https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-violacao-de-direitos-humanos>

6 - SaferNet Brasil - ONG que criou e mantém a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos em parceria com os Ministérios Públicos e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) para fortalecer as ações de combate aos crimes cibernéticos contra os Direitos Humanos.

<https://new.safernet.org.br/content/o-que-fazemos>

7 - Eurico Ramos. **Reverendo o Candomblé**. 2011.

https://books.google.com.br/books?id=S3sQBAAQBAJ&dq=candombl%C3%A9+o+que+%C3%A9&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

8 - Ademir Barbosa Júnior. O livro essencial de Umbanda. 2014

https://books.google.com.br/books?id=FE68BAAQBAJ&dq=umbanda+o+que+%C3%A9&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

9 - Camila de Souza Gouveia e Gisele Kliemann. Série Cartilhas Pedagógicas - vol. 2 Candomblé.

<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/cartilhaspedagogicas/v2/index.html>

10 - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros>

11 - André Maurício Penha Brasil e Rogério Meneguel. A Execução Pena no Brasil durante a vigência das Ordenações Filipinas.

<https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/4433/1/A%20Execu%C3%A7%C3%A3o%20Penal%20no%20Brasil%20Durante%20a%20Vig%C3%A2ncia%20das%20Ordena%C3%A7%C3%B5es%20Filipinas.pdf>

12 - Pimentel, Diogo Fabiano Barbosa. O quebra de Xangô de 1912: uma reflexão histórica. 2022.

<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9106>

13 - Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Personalidades Negras - Mãe Gilda

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-mae-gilda> 46

